



VOZ de ANTAS

Director e Editor
M: BRITO FERREIRA

Administ.
A. FARIA

Propriedade da Paróquia
S. PAIO DE ANTAS

Redacção
CENTRO PAROQUIAL
Telef. 87250/130/177

Compos. e Impressão
PAX — BRAGA

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

VOZ DE ANTAS

Novo Ano - Ainda mais coragem!

O mês de Dezembro é pródigo em Festas. E, estas como é natural, são sempre motivo de alegria.

Também para a «Voz de Antas», o derradeiro mês do ano é motivo de Festa e de alegria; novos projectos e novos ideais. Mais um aniversário!

No entanto sempre a nossa conduta se manteve vertical e coerente com os princípios religiosos, culturais, sociais ou Associativos, procurando sempre adaptar-se à evolução e progresso de sociedade democrática em que vivemos. Tentamos sempre ter uma comunidade paroquial, onde há as mais diversas opiniões (as eleições do dia 2 confirmam-no) é uma informação objectiva dos principais factos ocorridos. (Há quem seja facioso, mesmo nas pequenas notícias!).

Tentamos utilizar uma linguagem simples, sem arrebiques literários, unívoca, para que a nossa posição fosse compreendida, directa e eficazmente, pelos nossos leitores.

Quando tomamos uma posição fizemo-lo consciente, clara e responsabilmente! Assiste-nos esse direito que não poderá ser censurado nem contestado. Nos «cânones» do regime em que vivemos, felizmente não existem censores, embora haja quem o pretenda ser. (Temos o direito de tomarmos uma posição ainda que o assunto seja claramente político).

Poderá haver quem não concorde com a orientação que seguimos. De acordo! Para cada pessoa de facção há um prisma e uma face para a objectivação e concretização dos planos. Respeitamos essas posições e opiniões.

O nosso procedimento não poderia ser outro. Falta, apenas, saber quais os intuítos subjacentes à filosofia dessas posições e intenções desses mentores. Nós estamos, claramente, desmascarados, porque nunca tivemos máscara.

Talvez nem tudo tenha corrido como era nosso interesse. Iremos procurar eliminar esses erros, adaptar-nos às circunstâncias que nos rodeiam (senão ainda vão dizer que somos conservadores!), mantendo-nos sempre numa posição de Igreja e de decisão.

O nosso maior desejo, neste momento é que continuemos a receber a ajuda dos nossos leitores, como sempre, mas que assumam essa ajuda com mais coragem e dinamismo porque a vida actual, a situação política do país e muitas outras circunstâncias assim o exigem.

Para todos os nossos leitores, habituais ou ocasionais, encorajadores ou críticos, os nossos votos de Bom Natal e de um Ano Novo Feliz.

N. C.

JOVENS

É NATAL

«A Igreja confia nos jovens». É uma afirmação de Paulo VI. Em Puebla (México), os Bispos disseram ver na juventude uma força transformadora da sociedade. Arçiscaram, mesmo, anunciar que as culturas não envelhecem graças à presença dos

«O Espírito me ungiu para anunciar a boa nova e proclamar a libertação aos presos». São verdadeiramente presença da Igreja e interpelação para ela.

Estou a lembrar-me dos milhares de jovens que anualmente vêm cumprimentar e

ARMAMENTO EM 1977:

O mundo investiu em armamento 17.320 milhões de contos (433.000 milhões de dólares)!

Este dinheiro daria:

- para: 60 milhões de casas
- ou: 30 mil hospitais,
- ou: 600 mil escolas com capacidade para 400 milhões de crianças

(notícia de «Portugal Hoje»)

jovens. Também é de todos conhecida a afirmação: «quando os jovens têm frio, os adultos tiritam batendo os dentes». João Paulo II disse que a juventude é sinal da Igreja. Um grupo de jovens comprometidos no serviço dos demais, sonhando um mundo novo, do lado dos pobres e oprimidos cons-

viver o dia de Pentecostes com D. João Alves, em Coimbra. Estou a lembrar as actividades do Secretariado Nacional para a Educação cristã da Juventude (S.N.E.C.); tantos cursos e retiros que os jovens exigem. Lembro o Grupo Missionário de Boque a organizar um sorteio para as Missões; o de

PARA REFLEXÃO PESSOAL E EM GRUPO

1. Que provas tens de ti mesmo para saberes que Cristo está incarnado em ti?
2. No teu grupo que sinais há da encarnação de Cristo?
3. Que há, para ti e para o grupo, a fazer?

titui para a Igreja uma interpelação para se rejuvenescer e renovar incessantemente segundo as dimensões de Cristo. Para os sacerdotes e adultos constitui um convite a depor qualquer desconfiança e a se empenharem numa pastoral juvenil decidida e aberta.

Hoje, pequenos grupos aqui e além mostram ter compreendido a palavra de Jesus.

o de Moinhos a cantar as janciras. Lembro o João que aos 28 anos decide entrar no seminário e o Mário que abandona a metalurgia, com os 12 contos mensais, para ingressar no noviciado das Missões...

Como é belo o Natal! Cristo a incarnar aqui e além nos homens, nos jovens! Estamos numa nova era da Igreja. «Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra».

Ao fazer convicto estas afirmações não me guia a ingenuidade. É verdade que a a cintura das grandes cidades (só?) esconde antros de marginalidade e crime; que muitas «boites» e cinemas envelhecem e apodrecem muitos jovens; que muitas jovens vendem o corpo no Cais de Sodré e nas matas ao longo da estrada... Apesar disso, a Igreja confia nos jovens e adverte que os seus «pecados» o são antes dos adultos.

A Igreja acredita na força de Cristo presente a incarnar a História. Essa encarnação começada há 2.000 anos, é cada vez mais bela e real. E a juventude é um desses sinais. Dá-nos esperança o inconformismo juvenil que questiona o modo adulto (?) de viver (manipulador, explorador, hipócrita, egoísta); deleita-nos o espírito de rasgo e aventura que leva os jovens a comprometerem-se em situações extremas; entusiasma-nos a sua capacidade criativa que dará ao mundo nova

(Continua na pág. 10)

HOMENAGEM

António Corrêa d'Oliveira

nas páginas 2 a 6



Homenagem a Antó

Eu vi-o morrer!

*«Honra os mortos. Aos mortos
Não dói o sepulcro estreito
Mas a vale de esquecidos
Em que os trazemos no peito!»*

Conheci-o, respeitei-o e admirei-o em vida.

Continuo a respeitá-lo, a apreciá-lo e a admirá-lo, para além do tempo e da morte.

Estive junto do seu leito de moribundo. Vi-o exalar o último suspiro. Comigo mais dois sacerdotes de saudosa memória: o Padre Apollnário e o Padre Benjamim Salgado.

Extinguiu-se serenamente... calmamente... em paz... quase como se não houvesse fronteira definida entre a vida e a morte!

Vi e senti a dôr e angústia dos seus

familiares e pessoas mais íntimas. Dôr e angústia. Não desespero!

Senti muito viva a sua fé e a sua confiança! Era de esperar, já que a sua vida foi uma prece chela de fé, esperança e amor!

António Corrêa d'Oliveira não soube odiar! Era excessivamente delicado e sensível... para que o seu coração conseguisse albergar o sentimento do ódio. Ele que soube cantar Deus e os valores morais de um modo sublime. Cantou Portugal e exaltou a Pátria como muito raros poetas o souberam fazer. Cantou e exaltou a família maravilhosamente, como a mais nobre célula da sociedade e a mais excelsa expressão do amor!

Não se envergonhou de rezar em verso como verdadeiro poeta-cristão!...

Recordo-o com saudade e com orgulho, ao pensar que adoptou como sua, a minha terra!...

Relembro com admiração e em êxtase os seus exemplos de homem e de cristão!...

Evoco os seus versos em que Deus é reconhecido como Senhor do Universo e o homem como ser frágil pungido pelo caminho da saudade:

*«Dele é tudo: o sol e a neve;
Minha a saudade... Afinal,
As horas passam, de leve,
Quando se lê ou se escreve!
Adeus. — Até ao Natal.»*

Nestes versos estão bem patentes os seus sentimentos cristãos e as suas convicções religiosas.

Nos últimos anos de vida, pregado ao seu leito de sofrimento, que a todos procurava ocultar, ouvia e participava diariamente na reza do terço pela Rádio. Quando rezava a Salvé-Rainha quedava-se nas palavras: «neste vale de lágrimas!» E a sua sensibilidade de poeta levava-o a exclamar: «Neste vale de lágrimas, não! Neste vale de sorrisos!» E ficava por momentos a repetir: «Neste vale de sorrisos! Neste vale de sorrisos!...»

A visão cristã da vida dominou-o! Se alguém duvidar, leia a sua obra!

Como homem e como sacerdote rendo a minha homenagem ao poeta, ao homem ao cristão!

P. António Fernandes de Sá

O Poeta de Bel

Só a missão de serviço a que não tenho o direito de negar-me e o muito respeito e admiração que sempre tive pelo Poeta, António Corrêa d'Oliveira, me levaram a aceitar o pedido de colaboração para tão justa como necessária exposição-homenagem. Tive com efeito de ultrapassar-me para ousar escrever sobre tão nobre e distinta pessoa, que quanto mais temos mais

admiração, mas que, ao falarmos dela, se não a fazemos brilhar tanto quanto merece, corremos o risco de a ofuscar.

A imagem que cada um de nós criou, quando meninos, desse Homem estranho que uns altos rumos e um certo ambiente isolavam do comum das pessoas da nossa Terra era altamente modificada à medida que íamos tendo capacidade para o lermos

ou possibilidade de o contactarmos. Íamos descobrindo lentamente que aquele semblante sombrio e duro, sempre igual, de olhar ativo e penetrante, era, afinal véu de um coração extraordinário onde tinham lugar também e sobretudo aqueles que, de certa maneira, se julgavam dele afastados. Descobríamos que aquele olhar, aparentemente limitado ao mundo que nós próprios lhe traçávamos, via através do granito espesso das muralhas e penetrava bem fundo no coração e no jeito dos homens e na «alma» das coisas. Víamos que, afinal a sua atitude era bem diferente daquela que nós lhe impunhamos. Enquanto o julgávamos fechado no seu claustro entre livros e homens a nós inacessíveis, era a nós e às nossas coisas que ele continuamente procurava para nos ver e nos cantar. O cimo do seu Monte da Cidade era o centro de enorme biblioteca repleta de estantes a abarrotar de livros vivos que a sua alma de poeta sabia ler em profundidade.

Foi a nossa Terra musa e berço da maior parte da sua grandiosa obra literária e doutrinária.

Nós «ignorávamo-lo», ele conhecia-nos. E conhecia-nos tão bem que nos descrevia, em pormenor, nossos sentimentos e reacções, nossos desejos e aflições.

Afinal nós éramos a sua gente, nós éramos o seu mundo preferido.

*«Arrengo dessa gente
Que se ri do pé descalço;
O pé nu que conhece a Terra:
Dá menos passos em falso.»*

As nossas virtudes e qualidades de trabalho eram tão apreciadas e vividas por ele próprio que se sentia bem incarnado num de nós quando dizia:

*Sob o alpendre, a minha enxada
Só descansa, estrela e estrela;
Domingo, depois da missa,
Nunca me esqueço de ir vê-la.*

O lavrador e a terra, qual casal que se ama, abertos em esperança e fruto, são cantados em belíssimas quadras como estas:

*A Terra é corpo de amor
A quem se casar com ela,
Quanto mais virgem, mais frutos!
Quanto mais velha, mais bela.*

*Por entre o verdor de Março,
Bem vestida, quase nua;
Diz o Lavrador: «És minha»
E diz a Terra: «Sou tua».*

Os mais pobres, aqueles que nada tinham, eram os mais amados. Eram aqueles para quem ia em catadupa todo o seu amor e generosidade:

*Eu tenho um modo, um pensar
Que fora lei, a ser Deus:
— A quem tem um pobre lar,
Sem lenha para queimar...
Todos os montes são seus!*

Este Homem que nós tão mal conhecíamos, para quem olhávamos sempre de longe, confundia-se na sua simplicidade connosco. A sua vida era a nossa vida: Cantava connosco, sofria connosco e connosco trabalhava. Armas de ofício diferentes, mas preocupação e objectivo iguais: semear... cada um a seu modo, colher... cada um a seu jeito, para necessidades comuns:

*Todos têm sua lida
Seja de enxada ou agulha
E o jeito da minha vida
É coisa bem parecida
Com ir ao monte à faúlha.*

*É juntar em sons diversos,
Pedacos do coração
Na terra, em sangue e dispersos
— É ter pão para os meus versos
E versos, para o meu pão.*

Embora para ele todo o lugar fosse templo, e toda a hora fosse de louvor, era na Igreja que ele se sentia verdadeiramente entre os seus. Aí sentia-se mais amado. O sorriso dispensado ao velhinho que estava ao seu lado, os \$20 dados à criança que se desviava, a inclinação agradecida a quantos lhe facilitavam a passagem, eram testemunho vivo de uma alma feliz que se sentia no seu meio ambiente, na vivência perene de uma fé autêntica que sempre professara e que nunca deixara abalar.

Nem as horas altas de louvor e homenagem e tantas foram, puderam projectá-lo a um mundo que não fosse o seu, fazendo-o crer num valor pessoal e humano que não tivesse origem no Deus, de Quem tudo depende. A humildade é a virtude de quem é verdadeiramente grande.

Sentia-se uma peça, tão importante como

Centenário (nascimento) de (o Poeta)



ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

— «uma pausa de silêncio, de ternura e de meditação» ...

Corrêa d'Oliveira visto pelos outros

● Não somos os únicos a louvar a obra de Corrêa d'Oliveira. Muitos outros críticos de renome o fizeram antes. Vejamos algo do que sobre ele escreveram:

António Correia de Oliveira nunca aprendeu nada: não lhe magoaram o espírito, não lhe asfixiaram a imaginação, não lhe manietaram a independência, nem sistemas pedagógicos, nem mestres, nem professores, nem lentos. Eu tenho muito prazer em

que assim sucedesse.—**D. Maria Amália Vaz de Carvalho.**

... você é um píncaro da Pátria.—**Guerra Junqueiro.**

António Correia d'Oliveira é um poeta retintamente nacional, de inspiração popular, em cujos versos se adivinha o velo de ouro de Camões e de frei Agostinho da Cruz, que «traz a terra da pátria agarrada aos pés».

Eugénio de Castro é, antes de tudo, produto da sua cultura deslumbrante; Corrêa d'Oliveira, da sua intuição genial.—**Dr. Júlio Dantas.**

Corrêa d'Oliveira faz da sua poesia mais do que uma obra de arte, um verdadeiro apostolado, procurando comungar nesta HORA INCERTA, com a alma nacional, no culto da Pátria e de Cristo.

Em JOB atinge as alturas da verdadeira epopeia religiosa, e se afirma sempre um místico e uma metafísico de católica inspiração.—**Cardeal Cerejeira.**

Corrêa d'Oliveira representa o caso, hoje raro, de Poeta Integral—na obra e na vida.

Ao entrar na imortalidade, João de Deus deve ter vindo ao seu encontro. Eles foram, no nosso tempo, as duas vozes mais puras do lirismo português.—**Dr. Augusto Castro.**

António Corrêa d'Oliveira, fiel à solidão contemplativa cujo louvor teceu, andava, nos últimos anos, porém, que a morte no-lo desvela a outra luz, sentimos como a sua presença espiritual era DIFERENTE, singular, e, por isso, NECESSÁRIA.—**Professor Prado Coelho.**

O Poeta perde o nome de Corrêa d'Oliveira e chama-se Povo.—**Teixeira de Pascoaes.**

Poeta que os ventos ciclónicos da moderna poesia não arrastaram, mas deixaram de pé, como roble isolado e fecundo, a cuja sombra consoladora as gerações voltarão.—**Joaquim Paço d'Arcos.**

Corrêa d'Oliveira não escreveu para a hora que se passa. Escreveu para a hora que fica. As suas páginas não permanecerão no tempo com o fulgor sobrenatural das coisas intemporais.

António Corrêa d'Oliveira é uma dessas almas que pelo caminho da vida escolheu o trilho da Poesia. E fê-lo virado para a Verdade e para a Beleza. Isto o tornou indiferente ao sucesso efémero e sensacional.

Nenhuma literatura possui um tesouro literário mais profundo e poderoso misticismo cósmico, de mais inquieto e perturbante humanismo telúrico e religioso do que as «Tentações de S. Frei Gil».—**Américo Cortez Pinto.**

Se há poeta merecedor da consagração do Povo e de quem o representa e governa,

que consegue fixar, em quatro simples versos de sete sílabas, em dúzias e meia de vocábulos, um quadro tão amplo, uma visão tão vasta do destino do seu país, fazendo a gente evocar a saída das caravelas de Sagres e, séculos afora, o embarque dos emigrantes para as terras de além...—**A. Magalhães Júnior.**

António Corrêa d'Oliveira viveu a primeira fase da sua vida em horas de «apagada e vil tristeza»: foi vítima de sectarismos partidários, que materialmente o prejudicaram: chegou mesmo a pensar em abandonar o país. Fora ele de tempera diferente, teria utilizado como Junqueiro, o sarcasmo demolidor. Mas não procedeu assim. Amava demais a sua Pátria para colaborar nesta obra de destruição. Preferiu tomar sobre si outra tarefa certamente mais difícil mas também mais nobre: reconstruir.—**Paulo Durão.**

Entre brasileiros não é menor o entusiasmo por Corrêa d'Oliveira.

Nenhum poeta do tempo superava em profundidade de beleza o poeta-pensador de Portugal.

António Corrêa d'Oliveira remanescente da época passada? De maneira nenhuma. Poeta actualíssimo, com uma virgindade de inspiração e um frescor expressional que nem aquele prodigioso Eugénio de Castro pôde conservar, não obstante a sua multi-capacidade de renovar-se a cada momento diverso da poesia e da vida...—**Tasso da Silveira.**

...o HOMEM DO CORAÇÃO, que traduziu em seus poemas, todo o lirismo de um povo milenar.—**António Corrêa d'Oliveira, Camões do século XX.—Alceu Amoroso Lima.**

Um poeta de largo e profundo sentido humano e cujo estro, por isso mesmo, já não é apenas português nem nacionalista, mas cósmico, totalitário, transcendental, visto que nele vibram e nele ressoam todas as vozes e todos os apelos da Natureza.—**Alfredo Guimarães.**

Poeta cristão—sempre cristão mesmo quando o seu espírito vagava no mundo panteísta, em que se turbou a alma do S. Frei Gil,—António Corrêa d'Oliveira é um legítimo representante da terra do nosso Portugal. É um poeta que fala uma alta linguagem aos homens de inteligência, e que sabe falar também com humildes palavras e humildes sentimentos aos simples, aos pobres, aos namorados da aldeia—«cheios de penas, chelinhos, que andam na terra correndo o fado dos passarinhos»; às ceifeiras, cujo garrido trajar, põe gritos imprevisíveis de saúde entre desmaios louros das espigas, aos velhos, aos meninos e aos pobrezinhos.—**Augusto Frederico Schmidt.**

Ele é de facto o poeta do povo, o Poeta da Raça. Faceta alguma do sentir português escapou ao seu verso. A alma portuguesa encontrou quem a eternizasse na rima. Quem a sublinhasse no canto.

Deu aos humildes o braço da sua nobreza.

António Corrêa d'Oliveira é a única expressão social da poesia portuguesa.—**Herculano Rebordão**

Príncipe do Lirismo Português.—**Olegário Mariano.**

Não sei que classificação merece um poeta como esse, um poeta de tal quilate,

que consegue fixar, em quatro simples versos de sete sílabas, em dúzias e meia de vocábulos, um quadro tão amplo, uma visão tão vasta do destino do seu país, fazendo a gente evocar a saída das caravelas de Sagres e, séculos afora, o embarque dos emigrantes para as terras de além...—**A. Magalhães Júnior.**

António Corrêa d'Oliveira encarnou na sua obra poética as aspirações mais puras da alma lusitana nesta primeira metade do século XX. Por isso, merece justamente o título de Poeta Nacional. Ainda aqueles que não comunguem os seus ideais religiosos e políticos lhe não podem negar o valor poético. Assim procederam Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, João de Barros, Jaime Cortesão, Alberto de Oliveira, Alfredo Pimenta, Jaime de Magalhães Lima, Leonardo Coimbra, Pascoals e muitos outros.—**António de Magalhães, S. J.**

Dos países de língua não portuguesa citaremos a opinião de dois literatos, um espanhol e um francês:

La publicación de «Ara» atrajo sobre el autor la atención de la intelectualidad que vió cómo este libro con todas sus bellezas formales y su honda inquietud constituía una acabada muestra del nivel lírico de C. d'O. y una condensación de lo mejor de la poesía portuguesa, de lo más la caracteriza y define.—**Julio R. Yordil.**

Corrêa d'Oliveira é o melhor representante dessa escola nacionalista fundada no começo do século X, ou antes, no fim do XIX.—**Jacques Alibert.**

Arquivamos, juntamente com estas apreciações, três telegramas recebidos, por ocasião da sua morte, na Casa de Belinho:

«Calou-se na terra a voz do agrégio poeta que no céu continuará a cantar eternamente em glória com a Igreja Triunfante. Ficam os seus versos com a Pátria que ele tanto amou.»

Cardeal Patriarca

«Ao receber a notícia da morte de António Corrêa d'Oliveira, com a maior emoção reli páginas suas oferecidas a mim e a meus filhos pelo Poeta, glória de portugueses e brasileiros. Lembro Tasso da Silveira. Deus acaba de receber a alma grande de um grande católico e português.»

D. Duarte Nuno de Bragança

«Apagou-se a grande voz que cantou as ideias maiores, mas a luz brilha mais junto de Deus.»

Arcebispo de Évora

D. M.

inho

as demais, de uma máquina, a sociedade para o bom funcionamento da qual é indispensável o contacto, a inter-ajuda, as mãos dadas, em fraternidade e amor. Viver sem conviver é isolamento, é esterilidade é... morte.

Este seu sentir está bem patente nos tercetos do maravilhoso e rico soneto, preferido, já não por ele, aquando da sua tomada de posse como presidente de honra de CONVIVÍUM, grupo de intelectuais que em Braga se formara em Maio de 1956, quatro escassos anos antes da sua morte.

*Pois se viver, somente, a própria vida
É poça de água em si embebecida,
Ou qual deserto ilhéu sem remo e velas.*

*Conviver em Beleza, Graças e Amor
É semelhante à mão do lavrador
E à Mão-Divina semeando Estrelas.*

As horas duras também não tiveram poder demolidor na sua alma forte, porque de cristão autêntico. Tudo suportou com aquela resignação com que só uma alma de fé é capaz de suportar.

O livro de sonetos «Saúde Nossa» que escreveu em memória de sua santa e extremosa esposa, a Mãe dos desvalidos de S. Paulo, é prova da força de que é capaz o homem crente.

Mas esse livro maravilhoso e íntimo, que ele limitou a familiares e amigos pessoais, não diz de si mesmo muito mais do que diz uma simples quadra, escrita 30 anos antes.

*Não há noite derradeira
Sem manhã de Aleluia.
Tanto a noite é mais sombria
Mais lindo o sol... Deus o queira.*

Estes «retalhos» da sua alma creio serem o bastante para dizerem quão grande, quão rica, é a mensagem de que era portadora para os humanos, mas sobretudo para cada um de nós, seus conterrâneos, que ele amou de uma maneira muito especial.

A melhor homenagem que poderíamos prestar-lhe seria ler as suas obras, quase todas escritas em linguagem simples acessível a toda a gente. Assim, conhecê-lo-famos e, conhecendo-o tributar-lhe-famos sem dúvida o nosso agradecimento ao qual tem inegável direito.

Homenagem a Antó

António Corrêa d'Oliveira,

● Por J. M. DA CRUZ PONTES

António Corrêa d'Oliveira nasceu em S. Pedro do Sul, fez um século, mas pelo casamento com Dona Maria Adelaide da Cunha Sottomayor de Abreu Gouvêa em 1912, passou a ser de S. Paio d'Antas, onde ficou a residir.

Tinha eu dezasseis anos quando passei uns dias de férias em Esposende. Sabendo que o Poeta morava a alguns quilómetros da vila, no caminho para Viana do Castelo, meti por ele adiante, na bicicleta. Ao encontrar na estrada a indicação de que estava em Belinho, imaginei ter chegado ao fim das fatigadas pedaladas. Mas um companheiro de estudos, cuja memória aqui me apraz evocar, o malgrado Manuel Merrelho, natural da freguesia, e que depressa apareceu quando por ele perguntei, deu uma informação que não compreendi logo. Ali, era a

freguesia de Belinho, mas a Quinta situava-se no lugar de Belinho da freguesia de S. Paio d'Antas, alguns quilómetros mais adiante.

Como sendo o «Poeta de Belinho», frequentemente se faz referência a António Corrêa d'Oliveira.

De Antas se considerava ele paroquiano, e os menos jovens dos fregueses se lembrarão de o verem na missa dominical na Igreja de S. Paio, onde muitas vezes o acompanhava, durante as estadias na Quinta, em períodos de férias. Será interessante, e porventura surpreendente, para as gentes de S. Paio d'Antas verificar o número de ocasiões em que o seu Poeta se lhe refere.

Mais que uma vez o faz, nesse sem par livro de amor que é *Saudade Nossa* — sonetos em tantos aspectos autobiográficos,

dedicados à querida memória da Senhora Dona Maria Adelaide. (Quantos não estarão aí, em S. Paio d'Antas, bem lembrados da janela a cujas vidraças batiam, pedindo a intercessão da Fidalga Senhora para uma consulta médica gratuita, umas amostras de medicamentos, a apresentação a alguém por causa de um favor a solicitar! Como tão bem posso eu testemunhar a verdade desses formosíssimos sonetos de *Saudade Nossa*, os que têm por título «Intercessora», «Cartas por bem alheio», «Medianeira», «A tua Janela»! E como posso confirmar igualmente, que o bem-fazer de Dona Maria Adelaide era acompanhado e foi depois continuado pelo poeta!).

Em *Saudade Nossa* recorda o dia em que pelo casamento, fizeram uma só vida:

Na Igreja de Antas (Antas de São Paio, Um teu avoengo, como a história reza) Lá cima, à serra e ao mar e na clareza Das manhãs de olro, por Outubro e Malo;

Na Igreja de Antas, onde eu entro e saio Louvando a hora de alta fortaleza, Na qual à tua vida ficou presa Minha vida de névoa e de desmalo;

Saindo da estrada nacional, a caminho para Forjães bifurca-se, à vista da Quinta, junto da capelinha, que também o Poeta evoca, noutra dos sonetos:

Senhora dos Remédios. Mesmo ao dia, Fez-se hoje a sua festa. É onde a ela Que, sob os pinheirais, rente à Capela, Um século de muros principia.

Quando em 1950 a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima passou com destino a Viana do Castelo, por uma noite ficou em S. Paio d'Antas, tendo como «hospedeiro» o Poeta (de quem partira a inicial ideia da peregrinação da Imagem de Fátima). Corrêa d'Oliveira recebeu o andor na capela

Elogio fúnebre do

● Pelo PADRE BENJAMIM SALGADO

Estão as harmonias de luto!

Está de luto a Poesia! E se os Artistas formam com os Heróis e os Santos a alma das Pátrias, está de luto Portugal! Morreu o seu Cantor-mor!

Ó Poetas de Portugal! Em surdina as vossas harpas! Morreu um príncipe de poetas! Apagou-se um astro no céu das Harmonias!

Era monarca no reino da Beleza e do Ritmo. O seu trono está vazio; o seu braço envolto em crepes; o seu palácio invadido pela dor e desolação!

Estão as harmonias de luto! António Corrêa d'Oliveira, o vate da Pátria e da Grel, da Fé e da Raça, morreu!

A sua figura hierática — ele era pontífice na liturgia dos versos e dos ritmos — ao mesmo tempo imponente e simples e cândida como a água dos arrolos, acolhedora e comunicativa como a carícia das brisas, jaz inerte no resguardo duma urna, à luz mortífera dos brandões e ao suave odor dos cravos e das violetas.

Os seus olhos tão profundos e tão melgos, olhos místicos de vidente, que penetrava até ao âmago da Beleza: que viam flores onde nós vemos cardos, estrelas onde nós vemos charcos, aljôfares onde nós vemos lágrimas; que em tudo descobriam uma alma, a «Alma Religiosa» das coisas; esses olhos cerraram-se de vez à luz desta vida e, até, à escuridão da cegueira...

A sua voz, émula da de Bernardim e da de Camões, ou melodiosa e cantante como o trinar do rouxinol ou solene e retumbante como bélico clangor de trombeta, — silenciou, emudeceu: não mais se ouvirá...

As suas mãos, que dedilharam pérolas, — caíram inertes sobre o peito, a formar uma cruz, o único poema que ainda podem esboçar...

De António Corrêa d'Oliveira, a morte deixou-nos esse despojo, frio, apagado, emudecido.

Eis o que ele andou a fazer, na sua ronda sinistra e desapiadada, por Belinho.

Mas... Onde está, então, o cantor mavioso dos arrebois e das boninas, das

coisas humildes da vida ou dos ideais empolgantes do espírito?

Onde o mago da redondilha que o povo decora e canta? O trovador dos *Autos e Parábolas*, que são a delícia do espírito?

Onde está o Bardo Nacional que, em honra da Mãe-Pátria entoou as mais magníficas estrofes de louvor, de carinho, de sobressalto e amor, como desde Camões não mais tinham sido ouvidas?

Onde está o piedoso e inflamado arauto de Deus, o profeta bíblico o **VERBO SER E VERBO AMAR**, o trovador mariano de **AZINHEIRA EM FLOR**?

Esse, não morreu; não morrerá! Que a morte pode engelhar ou retorcer os tecidos do corpo; mas não tem poder sobre o Génio, como o não tem sobre a Virtude, que são flores da alma.

Espectro fatal, é seu prazer semear lágrimas e dores, desespero e saudade: rouba um filho aos pais que o idolatravam; rouba a mãe aos filhos que a adoravam; rouba um irmão aos seus irmãos, um amigo aos seus amigos, deixando após si o trágico espólio da orfandade, da viuvez, do luto e da dor. Mas à luz da inteligência, a morte é a própria condição da vida humana: a chegada ao termo duma caminhada, a arrancada para o além penumbroso. E a luta angustiada entre o corpo e a alma, com a libertação desta e a derrota daquele. Sim; o corpo é o grande vencido da morte. Pode ter cingido coroas e empunhado ceptros, comandado exércitos ou arrebatado triunfos; pode ter vestido arminhos ou apaixonado as multidões. Chega a morte — e ele será um gigante abatido, um roble prostrado, um sol apagado, a ruína dum mundo em desagregação.

É esta a força e a fraqueza da morte: destrói a vida, mas não inutiliza o que o espírito criou; prostra o corpo mas não atinge a raiz da alma.

Em contrapartida, traz consigo um critério de verdade e um sentido de rectificação de valores, à luz do qual melhor se pode verificar o que é precário na vida terrena e com ela se apaga, e o que lhe sobrevive como bagagem de eternidade.

E foi por isso que o mais santo dentre

os poetas, o doce Francisco de Assis, saudava na morte a boa irmã que liberta e introduz no reino do Pai, no eterno Palácio da Ventura, esse doorado sonho que outros poetas embalde procuraram nos atalhos deste terrenal exílio.

O que nos fica, então, de Corrêa d'Oliveira?

Deste seu encontro com a morte, desta depredação final, fica o que há de eterno na sua obra e o que há de imortal na sua vida. Poderá parecer pouco à nossa desolada saudade e ao nosso dilacerado coração. Mas consola-se o nosso espírito na certeza de em cada hora poder encontrar a alma pura e privilegiada de Corrêa d'Oliveira nos versos imortais que escreveu e na imperecível memória das virtudes que exercitou. É a perenidade dos Justos, lembrada na liturgia dos mortos:

In memoria aeterna erit justus — não se apagará jamais a lembrança do justo.

É à luz destas verdades que vos convoco a meditardeis comigo as lições que este acontecimento fúnebre nos sugere; ou mais concretamente:

I — O que há de eterno na obra de António Corrêa d'Oliveira;

II — O que há de imortal na sua vida.

O que principalmente avulta na obra dum artista é a ressonância da sua mensagem.

Tanto quanto a letra deve servir o espírito, deve a roupagem literária servir a mensagem poética.

Ora, todo o artista, verdadeiro e autêntico, é um predestinado. A arte é uma vocação divina, é um chamamento, é um dom da Providência.

Ser poeta é entrever e descobrir na obra da criação os tesouros de beleza que o Criador por ela repartiu. É, por isso, serviço de Deus.

Deus confiou aos homens o encargo de completarem a sua obra criadora, descobrindo o que nela há de belo, de grande, de divino. Este é o complemento da tarefa divina: é o sétimo dia da Criação.

Nela se vem empenhando o homem na sua caminhada histórica através dos tempos e através das civilizações.

Os exploradores rasgam caminhos novos no meio de florestas vírgens. Os cientistas

penetram nos mistérios, da natureza e procuram solução para os seus fenómenos. E não deixa de ser aliciante a aventura da ciência e da técnica guiadas pelo espírito humano, desde a remota conquista da pedra polida até à moderna epopeia da astronáutica.

Os tesolros e moralistas desvendam os caminhos que conduzem a Deus e apontam ao caminheiro da eternidade o alimento espiritual para a sua fome de Infinito...

E os tesouros de beleza esparsos pelo mundo, esplendor da Criação e revéberos de Beleza Eterna, quem os há-de descobrir e revelar? E quem há-de cantá-los e servi-los em taças de ouro a esse sedento de beleza que é também o homem?

Eis a missão dos artistas; eis a função dos poetas.

Os céus proclamam a glória de Deus, exclamava o Salmista — *Coeli enarrant gloriam Dei*.

Não só os céus: também a terra por obra e graça dos poetas.

António Corrêa d'Oliveira foi um desses predestinados. Toda a sua obra é serviço: serviço da Arte, serviço da Beleza, serviço de Deus.

Ele tinha consciência das origens divinas do seu chamamento poético: — «Por que fui eu e não outro o escolhido de Deus para sentir como só os artistas sentem a dizer o que só os poetas dizem?».

E porque tinha a consciência de que a Deus devia a vocação de poeta, foi sua constante preocupação ser fiel a essas origens divinas, colocando o seu estro, e a sua lira ao serviço da Beleza Incrédula.

Que é nisto que consiste a fidelidade dum artista à vocação: servir a arte em pureza de pensamento e perfeitado de forma, em requinte de humildade e brio artístico, não maculando a inteligência com distorções da verdade nem poluindo o plectro em desarmonias atentórias dos postulados da Estética e dos direitos da Ética, as duas bússolas que comandam o sentido da arte.

Oh o grande pecado dos artistas que sacrificam ao sensacional em prejuízo do autêntico! que cantam para os sentidos mais que para a alma! que mancham a pena em sensualismo e pornografia, envenenando as fontes do encantamento e da graça!

Corrêa d'Oliveira não cometeu esse

António Corrêa d'Oliveira

Poeta de Belinho, em S. Paio d'Antas

da Casa, no monte fronteiro, mas quis que a Imagem veneranda fosse da freguesia e na Igreja paroquial ficasse por toda a noite de orante vigília.

Na fronteira dos distritos estabelecida pelo Rio Nelva (também ele, o Nelva, muitas vezes nomeado em versos do Poeta), ao entregar a Imagem ao Arcebispo de Braga e à população de Viana do Castelo, Corrêa d'Oliveira leu um poema, em cujas iniciais invocações se dirige também

*E a ti, ó povo de Antas, humíldinho
E tão firme e veemente
(A honrada e boa gente!)
No teu amor a Deus e ao pátrio ninho.*

Quantas quadras não fez Corrêa d'Oliveira para serem cantadas na Igreja de S. Paio d'Antas, sobre música do querido padre Benjamim Salgado, então reitor da

freguesial Por ocasião desta visita da Imagem de Fátima, aí está também esta:

*Quando Deus fez este mundo,
Ao prever jornadas santas,
Para a Virgem Peregrina
Também fez S. Paio d'Antas.*

Nas quadras que o Poeta leu em 17 de Abril, quando, ao regressar de Viana do Castelo, outra vez o cortejo passou pela freguesia, com esta última, de despedida, a Nossa Senhora diz:

*Adeus... Escreve, ao chegares,
Tuas letrinhas tão santas,
Bastando no sebreescrito:
Belinho. — S. Paio d'Antas.*

Ao fazerem questão de afirmar que António Corrêa d'Oliveira é de Belinho, em S. Paio d'Antas, as gentes desta freguesia

de Esposende só mostram ter pelo Poeta o amor que também ele devotou à terra que foi sua desde 1912. Razão assiste à Secção Cultural da Juventude de S. Paio d'Antas

para comemorar, no período de entre Natal e Ano Novo, com uma exposição e outras iniciativas, o centenário do nascimento do seu Poeta.

Exposição

**da Vida e Obra do Poeta,
no Centro Paroquial,
de 22-XII-1979 a 2-I-1980**

Poeta António Corrêa d'Oliveira

pecado. O seu estro de poeta planava pelas regiões puras e incontaminadas do sonho e da inspiração. E, quando descia à terra, era para cantar o que nela há de puro e simples, de belo e nobre, desde a aquarela colorida do rosicler ao drama do dia-a-dia aldeão, às lágrimas salgadas dos que sofrem, ao hino da vida, da vida que trabalha nas leiras, que se diverte nos terreiros, que se aconchega nos lares, que reza nos templos.

Para Corrêa d'Oliveira poetar era atitude ao mesmo tempo humana e mística: linguagem de artista, salmodia de profeta, oração de crente. Fazer versos era serviço da Arte e serviço de Deus.

Esta fidelidade do Poeta de REDONDILHAS à graça da vocação artística pode deduzir-se também da escolha dos temas da sua obra. Também aqui nada de cedências indignas, de transigências imorais.

Transcorrida certa fase de ansiedade filosófica caracterizada pela dúvida e por tentativas de solução mais ou menos distanciadas da filosofia cristã, uma vez atingida a verdade nas esplendorosas revelações da Bíblia e nas geniais sínteses de Santo Tomás, Corrêa d'Oliveira entra na posse espiritual das grandes certezas, sem as quais a vida do homem ou a atitude do artista não têm sentido.

Paradigma da autenticidade, a sua obra, que reflectira as primeiras incertezas da sua caminhada filosófica, vai expressar agora a posse das certezas cristãs que não mais abandonarão nem o homem nem o artista.

Nem se julgue que a fidelidade escrupulosa a um corpo de doutrina e a um condicionamento ético, como os que hauriu no catolicismo, lhe haja afectado a capacidade criadora de poeta ou a intensidade dramática da sua obra. Aí está a prova de contrário quer a poesia de inspiração religiosa quer a de carácter patriótico ou meramente lírico, que de modo nenhum perderam qualidade com a nova orientação ideológica do Poeta.

Se da escolha dos motivos se pode aquilatar da vivência do artista e desta se pode concluir para a vida interior do mesmo; se, por outro lado, a temática duma obra define a orientação espiritual do Autor, há que reconhecer em Corrêa d'Oliveira uma alma chela de religiosidade, voltada para

Deus com fé intensa, com acrisolado amor e uma devoção sincera.

Tal é o testemunho inequívoco da sua obra desde esse inspiradíssimo e religiosíssimo poema que é o VERVO SER E VERBO AMAR — onde há ressonâncias bíblicas de verdadeira epopeia — até algumas deliciosas redondilhas de ROTEIRO DA GENTE MOÇA e alguns sonetos religiosos inéditos que documentam a última fase da sua vida.

É ainda de registar, a devoção e piedade com que escreveu sobre Nossa Senhora e que bem o podem qualificar como o Trovador da Mãe de Deus.

Desde a embaladora oração da RAIZ, que o Poeta rezava todos os dias, («Louvada seja na terra / A Virgem Santa Maria»¹...) até AZINHEIRA EM FLOR — genial visão poética do mistério de Fátima —, António Corrêa d'Oliveira é lídimo herdeiro e continuador do espírito dos Cancioneiros Medievais, onde não faltam as Cantigas e Loas à Mãe de Deus.

Se o amor de Deus e a devoção mariana de António Corrêa d'Oliveira ungem e perfumam de religiosidade uma grande parte da sua obra poética, tomando-o de facto o Poeta da Fé, outro amor, outra devoção, transparece a cada passo na temática do «Monge de Belinho»: ele é também o Cantor da Pátria.

E com que enternecimento e enlevo lhe queria! Que hinos, que madrigais, que ramalhetes de trovas, que endeiça de saudade e baladas de ternura lhe não dedica! E com que acentos de amargor lhe não chora as desditas!

Se é virtude amar a terra que nos foi berço de HORA INCERTA: PÁTRIA CERTA bem pode ser apontado como modelo de patriotismo e mestre de Portugalidade.

E não no sentido restrito de quem limita o conceito de pátria ao chão sagrado que os maiores conquistaram e regaram com o seu sangue. Para Corrêa d'Oliveira, o conceito de Pátria abrange tudo o que é Chão e Raça. Tradição e Grei. Corpo e Alma da Nação: é o «passado que não passa» com sua gloriosa galeria de reis, heróis, santos, soldados, artistas... que fizeram ou engrandeceram Portugal; é o lume da lareira, a enxada do cavador, o suor do lavrador, o «pão nosso, alegre vinho e azeite da canela», o «adro e o altar», a árvore benfazeja.

e é, também, «a fala que Deus nos deu», asa do pensamento lusiada e rebo do saudade portuguesa.

Eis o Artista — o artista fiel à sua vocação, fiel às raízes religiosas do seu chamamento — aquele mesmo que a morte não atinge o que é da alma.

Mas o poeta não deve dissociar-se do homem. A arte, se é uma linguagem autêntica, é flor da alma e está para o artista como o perfume para a rosa ou o brilho para a gema preciosa: radica na própria alma, de que é expressão; flui do imo da pessoa como a chispa espirra da brasa, como o revérbero se desprende da luz.

Porque assim foi em Corrêa d'Oliveira, a sua poesia tem valor de testemunho duma vida ideal, toda votada ao serviço da arte e ao exercício do bem.

E este é que foi o seu mais belo poema: o que ele foi gravando no espírito com as letras de ouro do Evangelho, e no coração com o culto da bondade e na própria carne com a ascese imposta pela fidelidade quotidiana aos princípios éticos que servia.

As virtudes pessoais do nosso chorado Poeta rimam perfeitamente com os melhores versos da sua arte: a estes e àqueles inspira-os o mesmo ideal, alimenta-os a mesma serve, vitaliza-os a mesma ânsia de perfeição.

E eis, meus Senhores, o que a morte não conseguiu arrebatar a António Corrêa d'Oliveira: a ressonância eterna dos seus versos e o perfume espiritual das suas virtudes de homem justo, temente a Deus e fiel à Sua lei. Carácter ímpoluto, consciência delicada até ao escrupulo, sensibilidade requintada toda voltada para o bem-fazer, foi a sua vida como foi a sua arte: um canto perene à beleza todo repassado de harmonias espirituais, a que uma intensa vida interior dava sentido de eternidade.

Como os seus versos, também a sua vida foi um testemunho: testemunho cristão, a que não faltou o sentido evangélico da caridade nem aquela ambiência de fé teológica que dá às acções humanas ressonâncias divinas.

O Mestre dissera um dia: — «Aquele que me confessar diante dos homens eu o confessarei diante do meu Pai que está nos céus». Corrêa d'Oliveira confessou a

Cristo com a sua lira cristaníssima e confessou-o também com a sua vida exemplar. Se bem mereceu dos homens a coroa de louros reservada aos artistas, também terá merecido de Deus — piedosamente o esperamos — a coroa de glória a que se referia S. Paulo, devida aos que combateram o bom combate. Bom combate foi o dele: o combate da Verdade, o Combate da Fé, o combate do Espírito.

Chegou a sofrer perseguição por amor da justiça (foi combatido porque a vocação o sagrara poeta da Fé e da Pátria); e aos que sofrem por amor da justiça o Evangelho os proclama bem-aventurados.

Nem lhe faltou a purgação espiritual que há mais de dois anos lhe vinha sendo oferecida por uma dolorosa doença e que ele aceitou com exemplar resignação cristã; nem lhe faltou a graça dos sacramentos que lhe ungiu a agonia, nem a lúcida e serena expectativa da morte qual estipêndio da natureza pago à condição desta vida terrenal.

Estes merecimentos e estas virtudes não os levou a morte e nós esperamos que eles constituam o precioso poema que os anjos terão levado pressurosos à presença de Deus e para o qual a recompensa é o próprio Deus: Eterna Beleza, Suprema Aspiração e Felicidade dos eleitos.

E esta esperança é a melhor consolação de quantos choramos a morte de António Corrêa d'Oliveira.

Que o Senhor se amerceie da sua bela alma! Que lhe leve em consideração tanto bem que espalhou! Que aceite o testemunho de tanta beleza que criou!

E que, em recompensa dos hinos que por ele foi louvado, lhe conceda que continue a ser no céu o cantor de Deus e o poeta de Portugal. Amén.

Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno!

¹ Louvado seja a terra
A Virgem Santa Maria:
Quer nas horas de tristeza
Quer nas horas de alegria;
Quer sobre as ondas do mar,
Lá com a morte à porfia;
Quer nos escuros caminhos
Pelas noites de invernia;
Quer no lume da lareira,
Quer no sol quando alumia,
Quer no amor de toda a hora,
Quer no pão de cada dia...

Corrêa d'Oliveira — Uma Biografia?

Já tanto se escreveu sobre o poeta António Corrêa d'Oliveira! Muito mais se há-de escrever e descobrir pelos tempos fora. Muita coisa que permanece no segredo dos deuses (se calhar até há algo que é por eles desconhecido) será revelado aos simples. O caminho está aberto seja a quem for para que o percorra.

Nada admira que os seus versos sejam cantados, conhecidos e analisados do Norte a Sul do País, em todo o espaço nacional e em países estrangeiros. Na verdade «os versos não foram feitos para ficarem apenas dentro dos livros, amortalhados como corpos mortos dentro dum calção, entre dobras de setim e rendilhas de armador, mas, para que, tempos em fora, crepitem, luminosamente, como um braselro de estrelas que se não apaga, o fogachar entusiasmos sempre novos nas almas dos homens, para que estes se façam cada vez mais puros e mais fortes»¹.

Vamos tentar fazer uma análise biográfica, tanto quanto pudermos com palavras do próprio poeta de Belinho (mais conhecido com este nome; foi também caracterizado como «o monge de Belinho»).

Será difícil porque o próprio poeta dizia: «Quê?! Biografia? Eu não tenho biografia! Seria preciso inventá-la; e, agora não há tempo.» Mais, à frente, na entrevista que vimos transcrevendo, declarava: «Biografia! Olhe: nasci como toda a gente, como toda a gente me criei e vivi e certissimamente hei-de morrer — suprema felicidade se fôr em hora que comigo esteja o perdão e a crença de Jesus Senhor.»

«Biografia?! só se fora para dizer que tenho sofrido muito: e que sempre a Divina Misericórdia me socorrem com amparo e recompensa infinitamente maiores do que mereciam minhas grandes imperfeições e culpas»².

A biografia de Corrêa d'Oliveira só se poderá encontrar, como ele afirmou, nos seus livros. «Aí, sim, está toda a minha vida, toda a minha alma.»

Uma análise autobiográfica poder-se-á encontrar ao longo de toda a sua obra, que ultrapassou a meia centena de livros. Mas, as referências autobiográficas são poucas, porque o poeta, não exteriorizava os seus sentimentos e obstina-se em dizer que não tem biografia.

Na obra «Alívio de Tristes» recorda com

saudade «a sua casa, que hoje é dos mais», a sua mocidade em tempos idos, obra publicada em 1901.

ARA — 1904 — canta, em tercetos, o rio Vouga e acima de tudo, demonstra um grande amor à Natureza, tendo sido apelidado, até, o poeta da Árvore.

Parafrazeando Moreira das Neves: «Corrêa d'Oliveira não engana ninguém. Como escreve, vive.

Quando diz que sofre, é porque sofre. Quando diz que ama, é porque ama. Não especula. Não explora ingenuidades nem ocasiões.

Pensa o que sente. Sente o que pensa. Sabe o que deve pensar e sentir. Extremamente humilde e amigo do silêncio, detesta os Inquéritos, os antevistos, as conversas com os jornalistas curiosos e esquadrihadores...»³.

Para Corrêa d'Oliveira «Trabalhar é criar: Em toda a criação há sempre o cemitério. Se nós mal cogitamos nas obras de Deus, a entrarmos pelos olhos dentro qual estrelas em chamal a entrar-nos pelas veias, qual oceano em estol — como explicá-lo (e só isso poderia ser interessante) nas humildes, obscuras, incultas e tantas inteligências qual seja a minha?»

E, faz um sério aviso a certas concepções intelectuais da época, em Portugal: «Em Portugal ainda se não deu ao labor das Letras o compreendido carácter, a real dignidade duma Profissão. A maior parte da gente — mesmo daquela que na leitura encontra utilidade ou deleite — não imagina, nem de longe, quanta alma, quanto sofrimento custou ao ignorado autor o livro que tem nas mãos... Desatentamente supõem que ele é feito do «não fazer nada».

Todavia, basta, às vezes, um livro para justificar uma vida inteira, como basta a frescura duma árvore para abençoar um deserto».

E para terminar, faço-o com Corrêa d'Oliveira: «Não! Eu não escrevo! Tenho horror à escrita. Componho mentalmente tudo.»

Neiva da Cruz

P. S. Prometemos abordar em números seguintes de «Voz de Antas», facetas

particulares da vida e obra do poeta Corrêa d'Oliveira, feita por personalidades ligadas ao assunto.

Bibliografia:

- 1 «António Corrêa d'Oliveira — subsídios para um estudo sobre o poeta» por Moreira das Neves.
- 2 Ob. cit.
- 3 « »

O MONGE DE BELINHO E OS SEUS LIVROS

- 1897 — Ladainha (esgotado)
- 1898 — Eirados (2.ª edição)
- 1900 — Auto do Fim do Dia (esgotado) (3.ª edição)
- 1901 — Alívio dos Tristes (2.ª edição — esgotado)
- 1902 — Cantigas (esgotado)
- 1903 — Raiz (esgotado)
- 1904 — ARA
- 1905 — Parábolas (esgotado)
- 1907 — Tentações de S. Frel Gil (esgotado)
- 1908 — O Pinheiro Exilado
- 1909 — Elogio dos Sentidos
- 1910 — Alma Religiosa (esgotado)
- 1911 — Auto das Quatro Estações (esgotado)
 - » Dizeres do Povo — 4.ª edição (esgotado)
- 1912 — Romance do Berço (fora do mercado)
 - » Romarias (esgotado)
- 1913 — A criação — Vida e História da Árvore (esgotado — 2.ª edição)
- 1913 — A Alma das Árvores
- 1914 — Os Teus Sonetos (esgotado)
 - » Menino (esgotado)

Colecção A MINHA TERRA

- I — Caminhos
- II — Auto do Ano Novo
- III — À Lareira
- IV — Vida de Lavrador
- V — D'Aquém e d'Além Ondas
- VI — Do Meu Quintal
- VII — Os Namorados
- VIII — Ano de Junho
- IX — Cartas ao Vento

Colecção NA HORA INCERTA OU A NOSSA PÁTRIA

- I — É Portugal que vos Fala
- II — Viriato Lusitano

- III — Auto do Berço
- IV — O Santo Condestável
- V — A Fala que Deus nos Deu
- VI — A Nau Catrineta
- VII — Terra do Paraíso
- VIII — Os Sinos do Cativoiro

- 1918 — Estas mal notadas Regras
- 1922 — Pão Nosso, Alegre vinho, Azeite de Candela
- 1926 — Verbo Ser e Verbo Amar
- 1928 — Auto das Quatro Estações (edição definitiva sobre a 1.ª edição de 1911)
- 1929 — Teresinha — Milagre em 5 Actos (esgotado)
- 1930 — Cartas em Verso — 1.º volume
- 1932 — Job
- 1935 — Pátria Nossa (Discurso em verso) (esgotado)
- 1935 — Roteiro de Gente Moça (esgotado)
- 1937 — Pátria Nossa, Pátria Vossa (Saudação ao Brasil) (esgotado)
 - Canto Novo (separata da Rev. Ocidente)
 - Júlio Dinis (separata do Boletim Cultural)
 - Mar Nostrum
 - Missão de Portugal (Separata do Boletim Missionário)
- 1940 — História Pequena de Portugal Gigante
 - Elogio da Monarquia
 - Saudade Nossa (fora do mercado)
 - Antologia I — Líricas
 - Redondilhas
 - Hora Incerta: Pátria certa (Edição definitiva)
 - Antologia II — Pátria
- 1954 — Azinheira em Flor

A sua obra é ainda mais vasta. Há obras compostas propositadamente para certas ocasiões de festa, saraus, homenagens, etc. Encontra-se ainda espalhada por diversas revistas culturais.

Há ainda, poesias inéditas que não estão ordenadas nem catalogadas. Fica aqui uma promessa e ao mesmo tempo uma sugestão aberta a quem quiser colaborar: Faremos esforço para que durante este ano do centenário do Nascimento do poeta, seja publicada, pela família, como obra inédita do Corrêa d'Oliveira.

Corrêa d'Oliveira e Benjamim Salgado

• Por A. ROCHA MARTINS

O saudoso Padre Benjamim Salgado, que a morte ideal que «com dedos de veludo», arrebatou tão prematuramente, seria hoje, se fizesse parte do número dos vivos, uma voz e uma pena a proclamar as excelências de Corrêa d'Oliveira. Com efeito, conviveu muito de perto com o Poeta, penetrando no mais íntimo da sua alma e das suas angústias. Recolheu-lhe confidências e confissões de alma que muito lucraríamos conhecer agora, na evocação do centenário do nascimento de António Corrêa d'Oliveira. Apesar de tudo, vale a pena recordar — e fazêmo-lo, homenageando Corrêa d'Oliveira e Benjamim Salgado, o magnífico ensaio de análise «O POETA DE BELINHO Itinerário Ideológico e Artístico de António Corrêa d'Oliveira, Braga, 1956». Na verdade, Benjamim Salgado, que escreveu este ensaio e fez, do mesmo modo, o elogio fúnebre do Poeta de Belinho, afirma a páginas 16: «... outros, ao contrário, fazem do seu itinerário artístico um «caminho de

Damasco» que os conduz aos pés de Deus; ou se já se encontra nos caminhos da fé, põem ao serviço do bem as melhores ressonâncias da sua cítara, quer dizer, as melhores realizações do seu estro.

António Corrêa d'Oliveira é um desses artistas-apóstolos, para quem a poesia tem de ser não só afirmação de beleza mas também irradiação de bondade. A sua inspiração tem a pureza imaculada do rosicler ou do canto do rouxinol, mesmo quando não mergulha raízes no húmus religioso da Bíblia ou do catecismo. «Benjamim Salgado, pela intimidade que viveu com o Poeta e com tudo que o rodeava, salienta, com toda a objectividade, a nota do misticismo que envolve a sua obra, mormente em certos momentos da sua vida. Na verdade, conforme o Autor do ensaio, há que considerar «no Itinerário espiritual de Corrêa d'Oliveira três fases distintas, bem contornadas e caracterizadas. Che-

mos-lhes, sem rigor geográfico e apenas para esquematizar, a fase de S. Pedro do Sul, a de Lisboa e a de Belinho.

«Não se esqueça que esta catalogação é feita por quem conviveu, quase todos os dias, com o Poeta, o que lhe dá, naturalmente, foros de autenticidade. Caso contrário, viria a correcção directamente do Poeta ou de quem o rodeava. Na primeira fase há que registar uma colecção desparecida intitulada «SETE DORES». LADAINHA (1897) é um excerto dessa colecção; EIRADAS ALÍVIO DE TRISTES, de sabor autobiográfico e AUTO-DO-FIM-DO-DIA. Através destas obras, que Benjamim Salgado consultou na biblioteca particular de Belinho, documenta-se a primeira fase da vida, por vezes agitada, indecisa e turbulenta do Poeta. Na segunda fase, época fecunda e notável, surgem ARA, TENTAÇÕES DE S. FREI GIL e ALMA RELIGIOSA. O sentido agudo da perturbação filosófica rebrilha nas páginas destas obras. O lirismo do Poeta, tão mimoso, aparece-nos em PARÁBOLAS, ELOGIO DOS SENTIDOS e AUTO DAS QUATRO ESTAÇÕES. Esta fase acusa a influência do ambiente em que vivia. Vem, finalmente, a terceira fase. É marcada pela mudança da vida e de Terra. Casa com D. Maria Adelaide da Cunha Sotto-mayor e vem viver para Belinho, no Quinta das Rosas. Aí se «realiza plenamente». Deus e Pátria são as coordenadas da sua inspiração. Fase sentimental de OS TEUS SONE-TOS e MENINO. É a fase religiosa de VERBO SER E VERBO AMAR e JOE. É a fase lírica do PÃO NOSSO, ALEGRE VINHO, AZEITE DE CANDEIA. É ainda a fase ardente e patriótica de NA HORA INCERTA. Não se esqueça SAUDADE NOSSA, dedicada a D. Maria Adelaide, que foi paixão e inspiração, sonho e amor do Poeta.

Ao evocar o centenário do seu nascimento, quis fazê-lo através do que escreveu e pensou o seu e meu grande Amigo: o saudoso artista, orador e escritor Padre Benjamim Salgado. Estas palavras são, também, flores de saudade que desfolho, suavemente nas campas de Corrêa d'Oliveira e de Benjamim Salgado.

Notícias Locais

• Eleições em Esposende (2-12-79)

Como sempre tem acontecido, ao acto eleitoral, este concelho e suas freguesias correspondeu com elevado espírito de civismo e serenidade os resultados definidos dos mais votados são os seguintes:

	A. D. Aliança Democrática	P. S. Partido Socialista	A. P. U. Aliança Povo Unido
Antas . . .	803	80	63
Apúlia . . .	647	255	44
Belinho . . .	784	59	38
Curvos . . .	301	82	8
Esposende . . .	686	444	203
Fão . . .	686	433	155
Fonte Boa . . .	548	71	8
Forjães . . .	784	220	194
Gandra . . .	33	82	27
Gemeses . . .	465	68	14
Mar . . .	409	103	14
Marinhas . . .	1.346	397	60
Palmeira . . .	441	195	59
Rio Tinto . . .	306	42	4
Vila Chã . . .	491	60	17

• Eleições em Antas (2-12-79)

Partido Socialista Revolucionário SPR, 4; Partido da Democracia Cristã PDC, 16; União Democrática Popular UD^o, 4; Aliança Democrática AD, 803; Partido Comunista dos Trabalhadores Portugueses PCTP/MRPP 8; União de Esquerda para a Democracia Socialista UEDS, 8; Aliança Povo Unido APU, 63; Partido Socialista PS, 80; Projecto Trabalhista CE«PT», 1.

Votos nulos 25; em branco, 5.

• BAR Sala de convívio paroquial

Rendimento no mês de Novembro — 18.210\$00 — sob a gerência dos jovens António Manuel, Manuel de Jesus e José Graciano. Obrigado em nome da Paróquia.

• Ano Internacional da Criança

As crianças do Concelho de Esposende dos 4 aos 12 anos, foram convidadas a participar no grandioso dia, dedicado ao «Ano Internacional da Criança» patrocinado pela Néllia, que se realizou no passado dia 8 pelas 14 horas no Ciclo Preparatório de Esposende, com o seguinte programa:

13,30 horas — Chegada dos Zés Perelras; 14 h., Concentração das Crianças; 15 h., Desfile nas ruas principais; 16 h., Lanche; 16,30 h., Palhaços e Ilusionistas; 17,30 h., Fim de Festa.

• Escreve um Leitor

Loignies 28-11-79.

Senhor P. Brito.

..... Tenho cá um amigo que é natural das Neves, e pede o Jornal da nossa terra «Voz de Antas». Vem de propósito a minha casa perguntar se já chegou a «Voz de Antas». Pedi-me para eu lhe escrever a si a fim de o inscrever como assinante do Jornal que, diz ele, apesar de não ser da terra gosta imenso do Jornal que também, para ele, constitui uma recordação de Portugal, pois nada mais temos que o Jornal. Deu-me 500 francos Belgas, para lhe enviar e aqui vão, para pagar a assinatura.

.....

Cumprimentos a todo a malta. De mim e do meu colega que quer a «Voz de Antas» aceite a expressão de estima, admiração e amizade.

Saúde e felicidades.

Manuel Augusto Viana

• Acidente

No dia 12 do corrente, quando a sra. Eugénia Ribeiro dos Santos, — mais conhecida pela Eugénia do Carta — se dirigia a sua

casa com o seu carrinho depois de ter andado a vender o pão, — como de costume — ao passar em frente à loja do Lindinho, foi atropelada por uma motorizada conduzida por Albino de Sá Vieira. Chamada prontamente uma Ambulância, foi conduzida imediatamente ao Hospital de Esposende juntamente com o atropelante —, este depois de tratado a alguns ferimentos, regressou a casa de seus pais; no entanto a sra. Eugénia teve de ser levada para o Hospital de S. João, do Porto onde ficou internado com fractura de uma perna.

• Nascimento

Em França no Centro Hospital Luís Pastor de Colmax departamento 68 nasceu um menino no dia 15 de Novembro filho de Manuel Fernandes Gonçalves Pereira e Maria Isabel Azevedo Torres Pereira. Foi-lhe dado o nome de Pedro Manuel Torres Pereira.

• 8 de Dezembro 3.º aniversário JAEOCA

O Movimento Associativo da Juventude (agrária, estudantil e operária) constitui uma esperança da Paróquia e da Igreja que confia na capacidade de doação, partilha, serviço e entrega dos jovens.

A Juventude prepara-se para receber dos mais velhos as rédeas da responsabilidade proscrevendo as filosofias do marxismo ateu bem como as filosofias do egoísmo e do nada.

Por tudo quanto realizou ao longo dos três anos de existência — Louvor e agradecimento.

Para os projectos a realizar — Estímulo, apoio e coragem!

• Obras Paroquiais tema de interesse comum!

António Pereira Portela, França, 1.500\$; Agostinho Meira Alves, França, 500\$; Augusto Alves Rolo, Cima, 1.000\$; Benjamim Braga, 3.200\$; Justino Dinis Neves Lapelro, França, 1.000\$; José Enes, França, 100 F.; José Pires Alves Rolo, França, 500\$; José Gonçalves Chasco, França, 1.000\$; Manuel José Dias Ferrelra (Hotel Néllia), 6.000\$; Maria Olinda, França, 50 F.; Maria Edmela Viana da Cruz, França, 1.000\$; Pompeu Morgado Neto (escultor do Monumento ao Emigrante), 2.340\$00.

Bem hajam!

• Eleições

Os nomes dos parlamentares com assento em S. Bento, pelos círculos de Braga e Viana do Castelo:

BRAGA

Carlos Macedo, AD; Francisco Salgado Zenha, PS; Basílio Horta, AD; Armando Correia, AD; Raul Rego, PS; Henrique Moraes, AD; Carlos P. Pinho, AD; Francisco Mesquita Machado, PS; Vítor Sá, APU; João P. Almeida, AD; Frederico Oliveira, PS; João B. Machado, AD; Domingos Pereira, AD; Agostinho Jesus, PS; Fernando Roriz, AD.

VIANA DO CASTELO

Júlio C. Caldas, AD; João Abreu Lima, AD; Manuel T. Moraes, PS; José S. Domingos, AD; Henrique B. Ruas, AD; Vítor Vasques, PS.

• A JAEOCA Presta homenagem aos seus mortos

A JAEOCA promoveu uma celebração e exéquias solenes, no passado dia 24 de Novembro, às 18 h. na Igreja Paroquial, pelos associados falecidos.

Os fiéis que assistiram e participaram nesta homenagem são dignos de louvor, mostrando assim gratidão para com os

associados que trabalharam pela Causa Associativa, e morreram precedendo-nos na Fé.

• Associação Mútua de Gado Bovino de Antas

Aos 25 de Novembro de mil novecentos e setenta e nove, foi feita a eleição por voto secreto dos novos corpos gerentes para o período de 3 anos.

1 — Presidente da Direcção Efectiva, 107 votos, José Ferrelra de Brito.

2 — Secretário da Direcção Efectiva, 46 votos, Manuel Candido Meira da Cruz.

3 — Tesoureiro da Direcção Efectiva, 41 votos, Manuel Augusto da Cruz.

4 — Presidente da Assembleia-Geral, 34 votos, Manuel Gonçalves Lopes.

5 — 1.º Secretário da Assembleia-Geral, 16 votos, Albino Alves de Faria.

6 — 2.º Secretário da Assembleia-Geral, 15 votos, Manuel da Cruz Azevedo.

7 — Presidente Substituto, 14 votos, Manuel Rodrigues Lapelro.

8 — Secretário Substituto, 12 votos, Manuel António Laranjero Amaro.

9 — Tesoureiro Substituto, 11 votos, Manuel Fernandes de Sá.

10 — O Pároco Padre Manuel Brito Ferrelra, Presidente do Conselho Técnico.

Vogals: Hilário Afonso Sampalo, 7 votos; Manuel Augusto Gonçalves Portela, 6 votos.

Votantes, 233; Abstenções, 112; Votos em branco, 0; Votos nulos, 0; Votos, 121.

• Curiosidades daqui e dali

Rendimento da Esmola das Almas 9 430\$00

Rendimento da Esmola de Santo António 27 293\$70

• JAEOCA

Eleições JAEOCA/79, inscritos, 627; votantes, 159; Brancos, 1; Nulos, 5; Lista A, 45; Lista B, 14; Lista C, 13; Lista D, 81.

• Baptizado

Foram baptizados em Neuville-aux-Podis (Orleans), os gémeos Phillipe Delfim e Sandra Secília, em 3 de Novembro pp., filhos de Albertino Coutinho Pereira e Maria Eduarda da Silva Simões.

• Casamento

No dia 22 de Dezembro p. f. contraíram o enlace matrimonial a menina Maria Lourenço Afonso, de Monção com o sr. Manuel Faria da Costa (RIBEIRINHO), na Basílica de Santa Luzia (Viana do Castelo), servindo-se o almoço de confraternização no Hotel do Parque.

Felicidades e votos de um futuro alegre e sorridente.

• Conjunto Típico «Foz do Neiva»

Conjunto Típico Foz do Neiva, fundado em 4 de Agosto de 1975, depois de ter várias actuações em diversos pontos do país desloca-se em Janeiro de 1980 ao Brasil e Argentina onde vai permanecer de 45 a 60 dias.

Ficha Artística:

Manuel Santos, 1.º Acordeonista
José Santos, Viola-baixo
José Maria, 2.º Acordeonista
Maria Gorety, Vocalista
Domingos Ribeiro, Viola-solo
Maria Celina, Pandieira

• Jovens, a onde ir...

Encontros para jovens com mais de 15 anos, nos dias 12 e 13 de Janeiro (fim-de-semana) na Apúlia (Casa da Legião de Maria).

— Para estudantes, nos dias 27, 28 e 29 de Dezembro, em Braga (Centro Apostólico do Sameiro).

• Homenagem em Antas ao Emigrante

Já demos notícias com o devido relêvo, como de publicar o desenho-esboço do monumento grandioso a erigir junto do Recinto Paroquial, na Devesa, em homenagem ao Emigrante.

Foi, deste modo, satisfeita a vontade do de Antas em prestar uma homenagem devida a quem, como nenhum outro, tanto trabalharam, se esforçaram e se doaram inteiramente a Antas e suas obras paroquiais.

Foi autor da artística obra, o mestre escultor Pompeu Morgado Neto, de Esposende, que durante semanas, com entusiasmo se entregou de alma e coração a esse trabalho primoroso, apresentando-nos um Monumento que irradia a mensagem de amor, saudade e fraternidade para todos os emigrantes.

Tratava-se duma dívida em aberto, que foi saldada.

Foi o Povo de Antas que o exigiu. Foram todos aqueles que contribuíram, que igualmente o exigiram. E o Povo de Antas saberá ficar grato ao EMIGRANTE!...

• Madrugadores gatunos

Os assaltantes, sem dúvida, com uma personalidade essencialmente noctívaga, perpetraram há semanas um assalto a uma das escolas de onde desapareceu material didáctico tendo deixado no quadro escolar vestígios da sua passagem.

• Balancete das Contas da «Voz de Antas» do Ano de 1979

Receita	172 400\$00
Despesa	167 670\$00
Saldo positivo	4 730\$00

• Dia Mundial da Paz

O saudoso Papa Paulo VI, para o 1.º Dia Mundial da Paz, celebrado em 1 de Janeiro de 1968, escolheu o tema «Cristo Nosso Senhor salvou o Mundo dando a todos a fraternidade e o amor». De então para cá, foram estes os temas propostos:

- 1969 — A promoção dos Direitos do Homem, caminho para a Paz
- 1970 — A Paz, dever de todos e programa da História
- 1971 — Cada homem é meu irmão
- 1972 — Se queres a Paz, trabalha pela justiça
- 1973 — A Paz é possível
- 1974 — A Paz depende também de ti
- 1975 — A reconciliação, caminho para a Paz
- 1976 — As verdadeiras armas da Paz
- 1977 — Se queres a Paz, defende a Vida
- 1978 — Não à violência, sim à Paz
- 1979 — Para alcançar a Paz, educar para a Paz
- 1980 — A Verdade, força da Paz.

Cortejo de Oferendas em Janeiro de 1980

Integrado nas colheitas de 1979 a favor das obras paroquiais (Parque Infantil, Monumento ao Emigrante e seu recinto, Complexo Gimno-Desportivo e restauro da Capela de Santa Tecla.

O POVO desta freguesia, saberá mais uma vez corresponder e demonstrar a sua dedicação e baírrismo a favor de uma OBRA símbolo de UNIAO — expressão de fé animada pela esperança de melhor servir.

SOUBEMOS E REGISTAMOS

«O marxismo não me parece já como uma doutrina a tomar ou rejeitar em bloco, mas como uma etapa da humanidade na sua busca duma melhor compreensão dos problemas sociais, da realidade económica e do movimento da História».

Isto afirmou Maria de Lurdes Pintasilgo à revista francesa «La Vie» em plena campanha eleitoral. Curiosa maneira de uma católica promover o marxismo, ou talvez a confusão e a ambiguidade!...

A campanha eleitoral serviu para muita coisa. Até para inspirar poetas:

«O Secretário-Geral
Do partido das mãozinhas
Vagueou em Portugal,
A correr as capelinhas».

E acrescenta:

«O eleitor não navega
Por uma causa perdida,
Há muito que já não pega
O truque da mão estendida».

Realmente os políticos passam as campanhas de mão estendida a pedir votos!... Depois é o povo que estende a mão para pagar os impostos!

A partir de 28 de Janeiro só o Estado pode ser proprietário da Televisão, de acordo com uma lei do Governo Pintasilgo, publicada em 29 de Novembro passado.

Esta a liberdade que nos querem im-

pingir: só o Estado pode ser o patrão da Televisão! Assim se vai caminhando alegremente ao encontro do totalitarismo comunista que o povo não quer, mas que teimam em impôr-lhe!... Esperemos que as coisas mudem agora!

Transcrevemos:

«Nesta festa desvairada,
A grande bronca da Banca
Parece uma garraçada
Na praça de Vila Franca».

«Sob o seu aspecto novo,
A Banca serve, senhores,
Não os interesses do povo,
Mas sim o de alguns gestores!»

Talvez não seja a Banca a única instituição a servir os interesses dos gestores!

Mário Soares não se cansou de repetir, durante a campanha eleitoral, que o seu Partido era o dos pobres e dos preceitos evangélicos.

Esperemos que o seja de facto nas acções e não só nas palavras, durante a campanha eleitoral... Esperemos que não seja maçã e ateu como já o tem demonstrado com factos na Assembleia da República!

Mário Soares afirmou também que «o que os comunistas pretendem é a ditadura do proletariado...»

Se Mário Soares está convencido disso, porque se juntou tantas vezes aos comunistas para com eles fazer acordos e leis?!

Os poetas maldizentes de tudo se servem para se inspirar. Vejamos:

«Quem só tiver confiança
No que diz o Barreirinhas
Deve votar na Aliança
Que tem as três argolinhas».

«Se não quer ser espoliado
E ficar a pedir esmola,
Veja lá, tome cuidado
E não meta o pé na argola!»

Isto se dizia antes das eleições. Depois delas a inspiração parece continuar:

«Nestas eleições o Zé,
Sem fazer caso da tropa,
Continuou a maré
Que alastra em toda a Europa».

«Sem descanso, sem parar,
A coisa vai ou rebenta,
Pois vamos preparar
Para as eleições de 80».

Parece que a maré cheia... das greves já se anuncia! Para servir Portugal ou Moscovo! Gostaríamos de ser esclarecidos!

Dizem-nos que o Estado pagou 7 milhões de contos de subsídios às Empresas Nacionalizadas. Mais. Não cobrou 15 milhões de contos de impostos a essas Empresas.

Se os não cobrou às Empresas Nacionalizadas... não deixará de os cobrar ao povo!...

O rendimento por pessoa é em Portugal metade do de cada grego e menos de metade do de cada espanhol...

Pelos vistos somos os campeões da preguiça na Europa!

A campanha eleitoral foi fértil em muita coisa. Até na aldabrice.

Dois cidadãos de Pessegueiro do Vouga apresentaram no tribunal um requerimento para que os seus nomes fossem retirados da lista da APU.

Razão? Tinham sido enganados. E insurgiram-se contra a aldabrice!

Quem os poderá censurar por isso? Só aqueles que não olham a meios para atingir os fins!

Dizem-nos que os comunistas sabem APUnhalar APUnhamente. Foi o que fizeram:

Em Oeiras gritando de megafone em punho: «Votem na AD que é a das argolas».

Em Leça de Palmeira, pintando os carros com «spray»: «Vota AD», para levar os proprietários dos carros à revolta contra a Aliança Democrática!

O cúmulo da honestidade! Um espanto!

Repórter Banal

Nas mãos de Deus

José Afonso Vaz Saleiro

Uma após outra vão tombando as «figuras» que num passado recente foram os Homens de S. Paio. Cada vez menor é o número daqueles que, pela sua conduta e acção,



José Afonso Vaz Saleiro

foram exemplo e estímulo das gerações mais novas. Vemos já reduzido quase a nada o grupo forte e coeso dos que, na nossa meninice e juventude, souberam criar e manter uma freguesia una e activa, então apontada como exemplo.

Entre esses ocupou lugar de relevância o tio José Saleiro que, com tanta saudade, acabamos de ver descer à sepultura. Quem não tinha estima e consideração por aquele Homem, grande no corpo e grande na alma, para quem a bondade era tão natural como o ar que respirava!

O seu casamento tardio e consequentes responsabilidades familiares, um pouco fora de época, fizeram com que, bastante precocemente, tivesse de reduzir a sua actividade social, mantendo contudo, enquanto a disponibilidade e as forças lho permitiram, as funções de regedor-substituto e as de componente da Comissão Fabriqueira.

Não querendo privar sua velha mãe de

uma companhia e ajuda necessárias nem criar-lhe situações novas, só após a morte desta se casou, aos 48 anos, em 13 de Dezembro de 1950, com Gracinda Rodrigues de Oliveira, vinda da freguesia de Fragosa, de cujo casamento nasceram quatro filhos, que bem podem orgulhar-se do pai que tiveram.

Nascido a 22 de Junho de 1902, foi o sexto filho, dum grupo de oito, de José Joaquim Afonso e de Rosa Vaz Saleiro. Aos 22 anos tomou sobre si a responsabilidade da exploração agrícola da abastada casa paterna, deixada inesperadamente por seu pai a 6 de Abril de 1924, por uma morte precoce e súbita, actividade a que se dedicou durante

Maria Gonçalves Pereira

Após uma vida toda ela dada à casa em que nasceu, acaba de ser recebida pela «irmã»

«O Senhor quis levar
o Carlinhos»



toda a vida de sua extremosa mãe, cuja morte, a 20 de Janeiro de 1949, sentiu imenso.

Tomando, algum tempo depois, novas responsabilidades familiares, passara a ser o marido dedicado e o pai responsável que havia a esperar de quem tinha sido filho exemplar e cidadão modelo.

Uma acentuada deficiência circulatória havia-lhe criado ultimamente certos problemas que o obrigaram a internar-se no Hospital de Barcelos onde, a 15 de Novembro, dia em que contava regressar a casa, uma crise cardíaca o vitimou.

O seu funeral foi bem prova de quanto era estimado.

morte Maria Gonçalves Pereira, mais conhecida por Maria do tio Luís.

Pessoa de alma simples, deu toda a sua acção ao serviço daqueles com quem viveu, e muitos foram.

Sendo a mais velha dos nove filhos de Luís Eiras de Meira Torres, o tio Luís do Poço, e de Maria Gonçalves Pereira, a tia Maria do Cancela, bons proprietários agrícolas do lugar de Belinho, muito ajudou na criação e educação de seus irmãos e sobrinhos, a quem se deu inteiramente.

Depois da morte de seus pais, já em idades avançadas, porque incapaz de suportar mais a dureza do campo passou a ocupar-se das lides caseiras, mas sempre com o coração preso aos campos e às suas culturas. Onde, como e o que se fazia, a nível agrícola e familiar, era sua preocupação constante.

Desde há uns meses a esta parte a falta de forças acentuava-se de dia para dia, acabando por limitar praticamente o seu mundo às paredes do seu quarto.

Nascida a 31 de Agosto de 1899 e após companhia feita e assistência prestada a quatro gerações diferentes, entregou a sua alma a Deus na manhã do dia 28 de Novembro p.p., indo a sepultar no dia seguinte, com grande assistência de familiares e amigos, no cemitério paroquial, onde aguarda, segundo a Fé que sempre professou, a ressurreição final.

Gracinda Rego
de Vilas Boas Neto

Nasceu em 25-3-1900, na freguesia de Marinhãs, filha de Aníbal Vilas Boas Neto e de Ana Rosa da Silva Rego.

Era casada com Manuel G. Bassalo e deste matrimónio suscitaram três filhos, dois dos quais já falecidos. Como tiveram uma vida difícil, o marido foi obrigado a ausentar-se para o Brasil, onde ganharia para sustentar a família, ficando ela a viver com seus pais. Mais tarde, quando estes faleceram, passou a viver com suas irmãs e uma sobrinha, já muito nossa conhecida: Fernanda Vilas Boas Neto, professora vários anos consecutivos, na escola da Estrada.

Quando se apercebeu já não ter forças, devido à dolorosa doença que a afectava, veio a acomodar-se para junto da sua filha e genro: Maria do Céu e Manuel Alves Azevedo, residentes em Antas, terra que tanto ela apreciava!

Em 7 de Dezembro, deixou o nosso convívio e partiu para a Eternidade ao encontro do Pai.

Paz à sua alma.

«Tone do Jito»
— último adeus



SOUBEMOS E REGISTAMOS

«O marxismo não me parece já como uma doutrina a tomar ou rejeitar em bloco, mas como uma etapa da humanidade na sua busca duma melhor compreensão dos problemas sociais, da realidade económica e do movimento da História».

Isto afirmou Maria de Lurdes Pintasilgo à revista francesa «La Vie» em plena campanha eleitoral. Curiosa maneira de uma católica promover o marxismo, ou talvez a confusão e a ambiguidade!...

A campanha eleitoral serviu para muita coisa. Até para inspirar poetas:

«O Secretário-Geral
Do partido das mãozinhas
Vagueou em Portugal,
A correr as capelinhas».

E acrescenta:

«O eleitor não navega
Por uma causa perdida,
Há muito que já não pega
O truque da mão estendida».

Realmente os políticos passam as campanhas de mão estendida a pedir votos!... Depois é o povo que estende a mão para pagar os impostos!

A partir de 28 de Janeiro só o Estado pode ser proprietário da Televisão, de acordo com uma lei do Governo Pintasilgo, publicada em 29 de Novembro passado.

Esta a liberdade que nos querem im-

pingir: só o Estado pode ser o patrão da Televisão! Assim se vai caminhando alegremente ao encontro do totalitarismo comunista que o povo não quer, mas que teimam em impôr-lhe!... Esperemos que as coisas mudem agora!

Transcrevemos:

«Nesta festa desvairada,
A grande bronca da Banca
Parece uma garraçada
Na praça de Vila Franca».

«Sob o seu aspecto novo,
A Banca serve, senhores,
Não os interesses do povo,
Mas sim o de alguns gestores!»

Talvez não seja a Banca a única instituição a servir os interesses dos gestores!

Mário Soares não se cansou de repetir, durante a campanha eleitoral, que o seu Partido era o dos pobres e dos preceitos evangélicos.

Esperemos que o seja de facto nas acções e não só nas palavras, durante a campanha eleitoral... Esperemos que não seja maçã e ateu como já o tem demonstrado com factos na Assembleia da República!

Mário Soares afirmou também que «o que os comunistas pretendem é a ditadura do proletariado...»

Se Mário Soares está convencido disso, porque se juntou tantas vezes aos comunistas para com eles fazer acordos e leis?!

Os poetas maldizentes de tudo se servem para se inspirar. Vejamos:

«Quem só tiver confiança
No que diz o Barreirinhas
Deve votar na Aliança
Que tem as três argolinhas».

«Se não quer ser espoliado
E ficar a pedir esmola,
Veja lá, tome cuidado
E não meta o pé na argola!»

Isto se dizia antes das eleições. Depois delas a inspiração parece continuar:

«Nestas eleições o Zé,
Sem fazer caso da tropa,
Continuou a maré
Que alastra em toda a Europa».

«Sem descanso, sem parar,
A coisa vai ou rebenta,
Pois vamos preparar
Para as eleições de 80».

Parece que a maré cheia... das greves já se anuncia! Para servir Portugal ou Moscovo! Gostaríamos de ser esclarecidos!

Dizem-nos que o Estado pagou 7 milhões de contos de subsídios às Empresas Nacionalizadas. Mais. Não cobrou 15 milhões de contos de impostos a essas Empresas.

Se os não cobrou às Empresas Nacionalizadas... não deixará de os cobrar ao povo!...

O rendimento por pessoa é em Portugal metade do de cada grego e menos de metade do de cada espanhol...

Pelos vistos somos os campeões da preguiça na Europa!

A campanha eleitoral foi fértil em muita coisa. Até na aldabrice.

Dois cidadãos de Pessegueiro do Vouga apresentaram no tribunal um requerimento para que os seus nomes fossem retirados da lista da APU.

Razão? Tinham sido enganados. E insurgiram-se contra a aldabrice!

Quem os poderá censurar por isso? Só aqueles que não olham a meios para atingir os fins!

Dizem-nos que os comunistas sabem APUnhalar APUnhamente. Foi o que fizeram:

Em Oeiras gritando de megafone em punho: «Votem na AD que é a das argolas».

Em Leça de Palmeira, pintando os carros com «spray»: «Vota AD», para levar os proprietários dos carros à revolta contra a Aliança Democrática!

O cúmulo da honestidade! Um espanto!

Repórter Banal

Nas mãos de Deus

José Afonso Vaz Saleiro

Uma após outra vão tombando as «figuras» que num passado recente foram os Homens de S. Paio. Cada vez menor é o número daqueles que, pela sua conduta e acção,



José Afonso Vaz Saleiro

foram exemplo e estímulo das gerações mais novas. Vemos já reduzido quase a nada o grupo forte e coeso dos que, na nossa meninice e juventude, souberam criar e manter uma freguesia una e activa, então apontada como exemplo.

Entre esses ocupou lugar de relevância o tio José Saleiro que, com tanta saudade, acabamos de ver descer à sepultura. Quem não tinha estima e consideração por aquele Homem, grande no corpo e grande na alma, para quem a bondade era tão natural como o ar que respirava!

O seu casamento tardio e consequentes responsabilidades familiares, um pouco fora de época, fizeram com que, bastante precocemente, tivesse de reduzir a sua actividade social, mantendo contudo, enquanto a disponibilidade e as forças lho permitiram, as funções de regedor-substituto e as de componente da Comissão Fabriqueira.

Não querendo privar sua velha mãe de

uma companhia e ajuda necessárias nem criar-lhe situações novas, só após a morte desta se casou, aos 48 anos, em 13 de Dezembro de 1950, com Gracinda Rodrigues de Oliveira, vinda da freguesia de Fragoso, de cujo casamento nasceram quatro filhos, que bem podem orgulhar-se do pai que tiveram.

Nascido a 22 de Junho de 1902, foi o sexto filho, dum grupo de oito, de José Joaquim Afonso e de Rosa Vaz Saleiro. Aos 22 anos tomou sobre si a responsabilidade da exploração agrícola da abastada casa paterna, deixada inesperadamente por seu pai a 6 de Abril de 1924, por uma morte precoce e súbita, actividade a que se dedicou durante

Maria Gonçalves Pereira

Após uma vida toda ela dada à casa em que nasceu, acaba de ser recebida pela «irmã»

«O Senhor quis levar
o Carlinhos»



toda a vida de sua extremosa mãe, cuja morte, a 20 de Janeiro de 1949, sentiu imenso.

Tomando, algum tempo depois, novas responsabilidades familiares, passara a ser o marido dedicado e o pai responsável que havia a esperar de quem tinha sido filho exemplar e cidadão modelo.

Uma acentuada deficiência circulatória havia-lhe criado ultimamente certos problemas que o obrigaram a internar-se no Hospital de Barcelos onde, a 15 de Novembro, dia em que contava regressar a casa, uma crise cardíaca o vitimou.

O seu funeral foi bem prova de quanto era estimado.

morte Maria Gonçalves Pereira, mais conhecida por Maria do tio Luís.

Pessoa de alma simples, deu toda a sua acção ao serviço daqueles com quem viveu, e muitos foram.

Sendo a mais velha dos nove filhos de Luís Eiras de Meira Torres, o tio Luís do Poço, e de Maria Gonçalves Pereira, a tia Maria do Cancela, bons proprietários agrícolas do lugar de Belinho, muito ajudou na criação e educação de seus irmãos e sobrinhos, a quem se deu inteiramente.

Depois da morte de seus pais, já em idades avançadas, porque incapaz de suportar mais a dureza do campo passou a ocupar-se das lides caseiras, mas sempre com o coração preso aos campos e às suas culturas. Onde, como e o que se fazia, a nível agrícola e familiar, era sua preocupação constante.

Desde há uns meses a esta parte a falta de forças acentuava-se de dia para dia, acabando por limitar praticamente o seu mundo às paredes do seu quarto.

Nascida a 31 de Agosto de 1899 e após companhia feita e assistência prestada a quatro gerações diferentes, entregou a sua alma a Deus na manhã do dia 28 de Novembro p.p., indo a sepultar no dia seguinte, com grande assistência de familiares e amigos, no cemitério paroquial, onde aguarda, segundo a Fé que sempre professou, a ressurreição final.

Gracinda Rego
de Vilas Boas Neto

Nasceu em 25-3-1900, na freguesia de Marinhãs, filha de Aníbal Vilas Boas Neto e de Ana Rosa da Silva Rego.

Era casada com Manuel G. Bassalo e deste matrimónio suscitaram três filhos, dois dos quais já falecidos. Como tiveram uma vida difícil, o marido foi obrigado a ausentar-se para o Brasil, onde ganharia para sustentar a família, ficando ela a viver com seus pais. Mais tarde, quando estes faleceram, passou a viver com suas irmãs e uma sobrinha, já muito nossa conhecida: Fernanda Vilas Boas Neto, professora vários anos consecutivos, na escola da Estrada.

Quando se apercebeu já não ter forças, devido à dolorosa doença que a afectava, veio a acomodar-se para junto da sua filha e genro: Maria do Céu e Manuel Alves Azevedo, residentes em Antas, terra que tanto ela apreciava!

Em 7 de Dezembro, deixou o nosso convívio e partiu para a Eternidade ao encontro do Pai.

Paz à sua alma.

«Tone do Jito»
— último adeus



Frente solidária para a "Voz de Antas,"

NOVEMBRO DE 1979

Adriano Alves Arêzes, Guilheta	150\$00	Domingos Gonçalves Bedulho, Estrada	150\$00	Elvira Pires Laranjeira, Igreja	200\$00
Hilário Meira Portela, França	300\$00	Manuel Gonçalves Nelva Novo, Estrada	150\$00	José Augusto da Cruz, Azevedo	120\$00
Cândida Rodrigues Meira, Estrada	500\$00	Anónimo, Guilheta	300\$00	Amândio Viana da Cruz, América	200\$00
Maria Alves Rolo, Azevedo	200\$00	Bernardo de Azevedo Viana, Pereira	260\$00	Eduardo Viana da Cruz, França	200\$00
Agostinho Meira Alves, França	500\$00	Luciano Narciso Gomes, Azevedo	200\$00	Amélia Alves Rolo, Azevedo	200\$00
Arminda Alves da Cruz, Igreja	50\$00	Armando Pacheco de Azevedo, Monte	200\$00	Manuel Alves Rolo (Fogueto), Azevedo	200\$00
João do Paço Vieira, Monte	150\$00	José Joaquim de Azevedo, Azevedo	320\$00	Manuel Cândido Pires Laranjeira, Monte	200\$00
Serafim de Matos Martins, Guilheta	500\$00	Serafim Rodrigues Monteiro, França	300\$00	Manuel de Sá, Guilheta	200\$00
António Meira Portela, Brasil	150\$00	Albino Santamarinha Dias, Monte	200\$00	Domingos Ferreira Rodrigues, França	500\$00
Manuel Barbosa Baeta, Guilheta	100\$00	Amadeu Martins Meira, Belinho	150\$00	Domingos Nelva da Cruz, Cima	200\$00
Luciano da Cruz Viana, Azevedo	300\$00	Artur Simões, Monte	100\$00	António Faria de Queirós (Félix), Forjães	150\$00
Octávio Martins de Faria, França	250\$00	António Pires Laranjeira, Cima	100\$00	Manuel Alves de Azevedo (Júnior), Azevedo	200\$00
Manuel Xavier da Costa, Monte	150\$00	Cândida Alves Igreja, Monte	150\$00	Manuel Alves da Cruz Lajoto, França	350\$00
Maria Esménia Torres Viana, Belinho	200\$00	Maria Pires Vieira, Monte	100\$00	Manuel Martins da Silva, Pereira	300\$00
Albino Pires Laranjeira, Azevedo	1 000\$00	Augusto Alves do Rolo (Paulo), Cima	200\$00	José Alves da Cruz Viana, Monte	150\$00
Martinho Viana Meira Torres, Belinho	200\$00	Manuel Miranda de Passos Ferreira, Frágoso	200\$00	Maria Rodrigues (Lajôta), Monte	150\$00
José Fernandes Pereira de Carvalho, Monte	200\$00	Manuel Gregório, Guilheta	200\$00	António Gonçalves da Costa, Belinho	150\$00
Manuel da Costa Azevedo, Azevedo	200\$00	António de Sá, Guilheta	100\$00	Manuel Dias da Costa, Guilheta	200\$00
Angelina Martins da Costa, Monte	200\$00	Basílio Gonçalves Portela, Guilheta	190\$00	António de Barros Gonçalves Chasco, França	500\$00
Júlio Faria Gomes, França	500\$00	Domingos de Almeida Dias, Guilheta	100\$00	Domingos Alves da Cruz Calçada, Estrada	150\$00
Manuel Afonso da Cruz, Igreja	150\$00	Joaquim de Sá, Guilheta	200\$00	Manuel Fernandes de Sá, Estrada	100\$00
António Fernandes Gomes, Belinho	200\$00	Anónimo, Guilheta	150\$00	António da Cruz Ferreira, Belinho	200\$00
Domingos Pires Laranjeira, Belinho	200\$00	Maria Alves Pedreira, Guilheta	120\$00	Adelino da Silva, Argentina	500\$00
Amélia Pereira de Barros, Estrada	200\$00	Maria do Carmo Afonso Torres, Guilheta	150\$00	José Alves da Cruz (Freguesia das Neves) Imigrante, Bélgica	500 F
Dr. Fernando Gonçalves P. de Barros, Esposende	500\$00	José Lourenço Pereira, Guilheta	200\$00	José Dias Laranjeira, Guilheta	500\$00
José Gonçalves Pereira de Barros, Belinho	300\$00	Manuel Torres Pereira, Canadá	300\$00	Emílio Rolo de Azevedo, Azevedo	200\$00
Benjamim de Almeida Santos, Belinho	100\$00	Alberto Gonçalves Rolo, Guilheta	150\$00	Laurinda Fernandes de Azevedo, Azevedo	150\$00
Maria Torres Lima, Azevedo	250\$00	Octacílio Capitão de Abreu, Azevedo	300\$00	Carolina Alves Rolo Meira, Guilheta	150\$00
Benedito Nelva Meira da Cruz, Monte	200\$00	Albino Pereira de Sá, Estrada	150\$00	Manuel Viana da Cruz, América	200\$00
Maria Dias da Cunha, Belinho	150\$00	Manuel Gonçalves Nelva (da Zenha), Pereira	200\$00	Augusto Meira Fernandes, Alvarães	150\$00
Ermelinda Vieira Torres Lima, Azevedo	150\$00	José Vaz de Brito, Azevedo	200\$00		
		Anselmo Saleiro Viana, Azevedo	100\$00		
		Rosa Alves da Cruz Viana, Monte	150\$00		

A Administração agradecida

Rio Neiva em foco

Questão resolvida



A poluição do Rio Neiva ia ser um facto. Um mimo que se ia ficar a dever à Zona Industrial de Viana do Castelo.

O povo de Antas resolveu dizer «NÃO». E fê-lo com o mesmo entusiasmo e decisão com que disse «SIM» à construção do salão paroquial, às outras obras paroquiais, aos cortejos de oferendas, e a tudo que diz respeito ao bem comum... e à defesa de inocentes, quando injustamente caluniados!...

Daí a sua jornada de luta do dia 10 de Setembro! O rio Neiva não pode ser conspurcado, porque tem de continuar a ser a piscina das nossas crianças e dos nossos jovens!... Ao ver o desfile ordeiro e o trabalho realizado apenas podemos dizer:

BRAVO BOM POVO DE ANTAS!

Bodas de Prata Matrimoniais



No passado dia 18 de Novembro celebraram as Bodas de Prata Matrimoniais o Sr. Luciano da Cruz Viana e sua esposa Maria Rolo Sampalo Viana, residentes no lugar de Azevedo.

Merece o nosso louvor tal atitude. De facto não me tenho dado conta de que muitos casais queiram renovar o seu amor diante do altar tendo por testemunha a própria Igreja. Com certeza que nestes 25 anos muitas alegrias sentiram e muitas horas duras suportaram, mas quiseram mostrar a sua esperança na força do Sacramento do Matrimónio para serem uma imagem cada vez mais perfeita e mais consciente do Amor de Deus.

O Seminário de Braga quis estar presente e associar-se, numa atitude de acção de graças ao Senhor, visto que dois filhos deste casal são alunos do Seminário. Bem haja a família que procura orientar os seus filhos para servir a Igreja através do Sacerdócio. Ah! se todas as famílias tivessem por vocação uma atitude contínua de servir a Igreja!

Fazemos votos para que o sr. Luciano e a sra. Maria tenham anos cada vez mais felizes e que um dia nos encontremos nas suas Bodas de Ouro.

Um obrigado muito sincero do Seminário.

Pe. Mesquita

ÚLTIMA HORA

Eleições Autárquicas

O Povo decidiu democraticamente:

Inscritos: 1137 — Votantes: 951

	Ass. Freguesia	A. Munic.	Câmara
Branco	10	10	7
Nulos	18	20	20
CDS	604	589	619
PPD/PSD	319	257	230
PS	N.C.	N.C.	36
APU	N.C.	75	39

Conclusão: Manuel Ferreira da Cruz, CDS reeleito.

A nível concelhio:

Inscritos: 14 925 — Votantes: 11 341

	Ass. Municipal	Câmara Munic.
CDS	7010	7088
PPD/PSD	4193	3973
PS	N.C.	930
APU	1677	1054
Nulos	277	287
Branco	305	149

O CDS ganhou em todas as Assembleias de Freguesia excepto:

PSD: Belinho, Mar, Forjães.
LAP (Independentes): Palmeira.

Para a Assembleia Municipal o CDS ganhou em todas as freguesias excepto em:

Belinho, Fão, Mar.

Para a Câmara Municipal, o CDS ganhou em todas as freguesias, excepto:

PSD: Belinho, Fão, Mar.

Mandatos	Câmara M.	Ass. Municipal
CDS	5	20
PSD	2	11
APU	—	4

Conclusão: Eng. Alexandre Loso, CDS, reeleito.

CDS: Manuel Ferreira da Cruz, David Martins Vitorino, Manuel António Barros Viana, Manuel Faria Viana, Albino Alves Faria, Anselmo Seixeiro Viana, Martinho Viana de Meira Torres, Manuel Rodrigues Lapeiro Júnior, Benedito Nelva Meira da Cruz (em lugar do Manuel Ferreira da Cruz que será Presidente da Junta).
PPD/PSD: Albino Fernandes de Sá, Albino Pereira de Sá, Manuel Augusto Gonçalves Portela, Amadeu Cabral dos Santos, José Fernandes Pereira de Carvalho — N.C.

«Voz de Antas»

Está em Festa!



VOZ DE ANTAS

N.º 1 DEZEMBRO DE 1977

SAUDAÇÃO

Estimados Paroquianos:

PARA todos vós, sobretudo para os que se encontram espalhados pelo mundo além, desde Timor ao Canadá, passando pela Argentina e pelo Brasil, vão as saudações e os cumprimentos amigos do vosso Parocho. Com certeza há muitos entre vós que o não conhecem porque ele só aqui está há um ano e vós já de cá partistes... sabe Deus quando. Mas não importa conhecer a pessoa. Importa, sim, saber que é um Padre e por isso mesmo, um homem «consumido» com a vossa felicidade, um amigo, um conselheiro do Bem e um mensageiro de Cristo e da Paz.

— Mas, dizeis vós, que é isso? Uma «folha» com o nome da nossa Terra — daquela terra linda que o mar beija e o Rio abraça e se chama S. Paulo de Antas?

Eu sei! Já é a vossa curiosidade. Esta pequenina folha é a realização dum sonho lindo do vosso Parocho que deseja entrar em comunicação convosco e unir vos, apesar da distância, aquela Igreja, onde, um dia, fostes batizados e onde tantas vezes ajoelhastes aos pés de Nossa Senhora das Vitórias, que é a vossa Mãe do Céu, a pedir-lhe auxílio e empenho. Quer o vosso Parocho, com este folhinho

Saudades da minha Terra,
Deus me as não tira da vida;
Por elas, até parece
Que vivo na minha aldeia.

(Inédito)

António Correia d'Oliveira

ão simples, alimentar e evivar no vosso espírito a lembrança da Terra que vos viu nascer e da família que tão saudosamente deixastes na hora, talvez longínqua, da despedida. Ela vos levará o seu festivo dos sinos da vossa Igreja, pela alegria dum vida que começa e o som do seu chorar plangente pela tristeza dum vida que se acaba. E quer, sobretudo, que estas recordações e estas noitadas sejam renascer em vós o sentido dum vida verdadeira segundo a consciência e a lei de Deus.

Lembrai-vos das promessas do vosso batismo. Deus nunca vos abandona. Isto vos irá dizendo, de mês a mês, o vosso Reitor. E achais que não é bom que vo-lo diga? Ele cá fica à espera da vossa resposta e adesão.

Para os de longe e também para os de perto os votos amigos de um NATAL FELIZ e o desejo sincero de que o ANO-NOVO seja para muitos de vós um regresso e para todos de PAZ em DEUS.

TODO VOSSO REITOR

meira é que o nosso jornal — talvez o maior boletim paroquial do País! — não vai subir de preço! Apenas aceita a subida voluntária e espontânea de cada assinante. A segunda é que iremos lançar um novo concurso de assinaturas — um concurso que estimule os amigos a fazer chegar o jornal mais longe.

«VOZ DE ANTAS» faz anos. Está em festa!

A nossa gratidão a quantos nos têm acompanhado e graças ao Bom Deus pela sua benção sempre presente.

E vamos prosseguir... com fé e com esperança!

«Há que fomentar a boa imprensa com intenção de promover uma opinião pública em consonância com o direito natural e com a doutrina e princípios católicos — Concílio Vaticano II.»

A JAEOCA é um movimento paroquial que tem por fim associar a juventude católica para o recreio, cultura e desporto (Artigo 1.º

Jovem, inscreve-te, ainda hoje, como sócio e alista-te na equipa de ciclismo JAEOCA/80:

Futebol de Salão e onze
Voleibol
Andebol
Atletismo
Hóquei em campo
Judo
Basquetebol
Hóquei em patins
Badminton
Ténis



Todos os que desejam melhorar sua aptidão física, porque a APTIDÃO FÍSICA É APTIDÃO PARA A VIDA. Venham ter conosco JAEOCA-Sector de Educação Física e Desporto.

JOVENS

É NATAL

(Continuação da 1.ª pág.)

feição; queremos segui-los na consecução da liberdade, liberta de todas as tutelas exteriores (alienação política e desportiva, nacionalismo doentio, necessidade de consumo...); sentimos prazer na sua felicidade; estamos com eles quando sensíveis aos problemas sociais — injustiças, fome, desemprego; batemo-

-lhes palmas quando são, e exigem, autenticidade e simplicidade.

Sim, a juventude de hoje tem valores que atiram, com optimismo a esperança para o novo mundo de amanhã. Os formadores espirituais — missionários que se ocupam com a formação e envio de novos missionários — apontam como aspectos positivos da juventude cristã de hoje:

- a exigência de verdade para com os outros e até para com eles;
- o desejo de comunhão e vida comunitária;
- a solidariedade com os pobres e oprimidos;
- a contestação da injustiça;
- o desejo de viver a Cristo na radicalidade do Evangelho;
- a redescoberta da oração.

«A Igreja deseja servir esta única finalidade: que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida».

— João Paulo II,
em «Redemptor Hominis»

Como é belo o Natal! Ver Cristo a incarnar aqui e além... nos homens... nos jovens. Estamos numa nova era da Igreja. «Sereis minhas testemunhas até aos confins da terra».

Há um ano, o cortejo

(obras paroquiais - nosso interesse) um êxito consumado



O povo marcou presença... com as suas dádivas... Os preparativos para o próximo já começaram. Em Janeiro de 1980, uma vez mais daremos provas de que TUDO DEPENDERÁ DE TODOS!